



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MAYARA ALVES FEITOZA

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO DA LITERATURA

DELMIRO GOUVEIA / AL

2024

MAYARA ALVES FEITOZA

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO DA LITERATURA

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marilza Pavezi.

DELMIRO GOUVEIA / AL

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

F311p Feitoza, Mayara Alves

Práticas pedagógicas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura / Mayara Alves Feitoza. - 2024.

55 f. : il.

Orientação: Marilza Pavezi.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Educação especial. 2. Educação inclusiva. 3. Transtorno do Espectro Autista – TEA. 4. Práticas pedagógicas. I. Pavezi, Marilza, orient. II. Título.

CDU: 376

Folha de Aprovação

MAYARA ALVES FEITOZA

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO DA LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Pedagogia, da Universidade Federal de
Alagoas – Campus do Sertão, como
requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.
Orientadora: Profª Drª Marilza Pavezi
Aprovado em: 06 de novembro de 2024.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Marilza Pavezi (Orientadora)

Universidade Federal De Alagoas-UFAL/ Campus Sertão

Documento assinado digitalmente
 NOELIA RODRIGUES DOS SANTOS
Data: 06/11/2024 11:42:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Noélia Rodrigues dos Santos (1ª Examinadora)
Universidade Federal de Alagoas-UFAL/Campus do Sertão

Documento assinado digitalmente
 LILIAN KELLY DE ALMEIDA FIGUEIREDO VOSS
Data: 23/11/2024 10:41:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Lílian Kelly de Almeida Figueiredo Voss (2ª Examinadora)
Universidade Federal de Alagoas-UFAL/Campus do Sertão

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que ele tem me proporcionado, por me acompanhar por todo este processo e por ser refúgio nos dias turbulentos, me fazendo sentir sua presença em todo o meu ser.

Agradeço a minha família, por ser a base inabalável na minha vida. Aos meus pais, Erivaldo Alves e Mariza Alves Feitoza, meus alicerces que sempre me deram força e incentivo. A minha irmã Mara Alves Feitoza, que sempre me apoia, muito obrigada pela aprendizagem e pelas trocas de experiências. Meus avós, Maria José Alves, Cícero Alves e Aurélio Alves (In Memoriam).

Agradeço à minha orientadora Marilza Pavezi, por ter me instruído com maior dedicação, paciência e amizade.

Aos meus amigos (as), primos (as), colegas que de forma direta ou indireta torceram e deram cada palavra de incentivo ao longo desses 5 anos, muito obrigada!

RESUMO

Crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA enfrentam desafios significativos no ambiente escolar, que podem ter um impacto profundo em seu desenvolvimento acadêmico e social. Essas dificuldades variam amplamente, desde dificuldades na interação social até padrões restritos e repetitivos de comportamento, que muitas vezes interferem no processo de aprendizagem formal. Esta pesquisa tem como objetivo investigar as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelas crianças com TEA no ambiente escolar. Sendo esta pesquisa caracterizada como bibliográfica. A metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi o Estado do Conhecimento, na qual o levantamento bibliográfico foi realizado no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Neste levantamento foram encontradas 18 pesquisas, entre Dissertações e Teses, que foram analisadas e divididas em três categorias. Concluiu-se que as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos alunos com TEA no ambiente escolar são multifatoriais. A falta de adaptações adequadas nas atividades compromete o engajamento e o desempenho desses alunos. A exposição ao mesmo material e exigências que os colegas sem adaptações pode resultar em frustração e comportamentos inadequados. A pesquisa destacou a importância de personalizar o ensino e criar um ambiente inclusivo, além de enfatizar a necessidade de formação contínua para os professores para desenvolver metodologias adaptadas às necessidades específicas dos alunos com TEA.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Práticas Pedagógicas; Inclusão.

ABSTRACT

Children with Autism Spectrum Disorder - ASD face significant challenges in the school environment, which can have a profound impact on their academic and social development. These difficulties vary widely, from difficulties in social interaction to restricted and repetitive patterns of behavior, which often interfere with the formal learning process. This research aims to investigate the learning difficulties faced by children with ASD in the school environment. This research is characterized as bibliographic. The methodology used to carry out the research was the State of Knowledge, in which the bibliographic survey was carried out in the CAPES Catalog of Theses and Dissertations. In this survey, 18 studies were found, including Dissertations and Theses, which were analyzed and divided into three categories. It was concluded that the learning difficulties faced by students with ASD in the school environment are multifactorial. The lack of adequate adaptations to activities compromises the engagement and performance of these students. Exposure to the same material and demands as colleagues without adaptations can result in frustration and inappropriate behavior. The research highlighted the importance of personalizing teaching and creating an inclusive environment, in addition to emphasizing the need for ongoing training for teachers to develop methodologies adapted to the specific needs of students with ASD.

KEYWORDS: Autism; Pedagogical Practices; Inclusion.

LISTA DE TABELAS

| | | |
|-----------------|--|----|
| Tabela 1 | Quantidade de pesquisas encontradas no período de 2015 a 2023..... | 22 |
| Tabela 2 | Autores dos trabalhos identificados..... | 22 |
| Tabela 3 | Categorização dos trabalhos..... | 23 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1.1 Objetivo Geral..... | 12 |
| 1.2 Objetivos Específicos..... | 12 |
| 1.3 Caminhos metodológicos..... | 13 |
| 2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): DEFINIÇÃO, CARACTERÍSTICAS E ASPECTOS EDUCACIONAIS..... | 15 |
| 2.1 Definição e características do TEA..... | 16 |
| 2.2 Aspectos Educacionais do TEA..... | 19 |
| 3 ESTADO DO CONHECIMENTO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS PARA ALUNOS COM TEA..... | 25 |
| 3.1 Apresentação das categorias..... | 25 |
| 4 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS COM TEA..... | 38 |
| 4.1 Dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelas crianças com TEA no ambiente escolar..... | 38 |
| 4.2 Práticas educativas para alunos com TEA identificadas nas pesquisas..... | 40 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 46 |
| REFERÊNCIAS..... | 48 |
| APÊNDICE..... | 53 |

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que se manifesta desde a infância, afetando a comunicação social, comportamentos repetitivos e a flexibilidade comportamental das pessoas que o apresentam, conforme discutido por Teixeira (2016). Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), que é um documento de referência utilizado por profissionais de saúde mental para diagnosticar e classificar transtornos mentais, o TEA é classificado na categoria dos Transtornos do Neurodesenvolvimento (APA, 2014). Dessa forma, o TEA pode influenciar diretamente a forma como a criança aprende e se adapta aos métodos tradicionais de ensino.

Crianças com TEA enfrentam desafios significativos no ambiente escolar, que podem ter um impacto profundo em seu desenvolvimento acadêmico e social. Essas dificuldades variam amplamente, desde dificuldades na interação social até padrões restritos e repetitivos de comportamento, que muitas vezes interferem no processo de aprendizagem formal (Costa, 2023). Compreender essas dificuldades é fundamental tanto para a criação de estratégias pedagógicas mais eficazes, como também para promover um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor. A alfabetização para crianças com TEA não é apenas uma questão de aprendizado de letras e palavras, mas envolve a adaptação de metodologias que levem em consideração as particularidades sensoriais, emocionais e cognitivas destes alunos.

Os desafios de aprendizagem enfrentados por essas crianças podem resultar em atrasos significativos no desenvolvimento acadêmico, afetando sua autoestima e interação social. Além disso, as consequências dessas dificuldades podem se estender para além da sala de aula, impactando a vida cotidiana e o desenvolvimento futuro da criança. A educação inclusiva é um direito fundamental de todas as crianças, independentemente de suas condições de desenvolvimento. Conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) delibera que tanto os alunos com autismo, como também aqueles que têm alguma deficiência, transtorno global do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, devem estar inclusos na rede regular de ensino, recebendo Atendimento Educacional Especializado (AEE) (Nunes; Queiroz; Schmidt, 2013).

A inclusão é um conceito amplo que se refere à garantia de que todas as pessoas, independentemente de suas características físicas, intelectuais, sociais ou culturais, possam participar plenamente de todos os aspectos da vida em sociedade. Na educação, a inclusão

significa assegurar que todas as crianças e jovens, incluindo aqueles com deficiências, tenham acesso a um ambiente de aprendizagem que atenda às suas necessidades individuais e promova seu desenvolvimento acadêmico, social e emocional. A inclusão busca eliminar barreiras e preconceitos, promovendo uma sociedade mais justa e equitativa.

No Brasil, a Política Nacional da Deficiência, instituída pela Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146/2015, estabelece diretrizes para assegurar os direitos das pessoas com deficiência, garantindo sua participação plena e igualitária na vida social, econômica, política e cultural (Brasil, 2015). Essa política promove a acessibilidade, a inclusão social, a igualdade de oportunidades e a proteção contra qualquer forma de discriminação. A educação inclusiva é um dos pilares dessa política, com a determinação de que todas as escolas, públicas e privadas, estejam preparadas para receber alunos com deficiência, oferecendo os recursos e adaptações necessários para o seu aprendizado.

No contexto da inclusão, é importante entender o conceito de autismo. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento social, a comunicação e o comportamento. O espectro do autismo é vasto, abrangendo desde indivíduos com habilidades intelectuais elevadas até aqueles que necessitam de apoio significativo nas atividades diárias. As características do autismo variam amplamente, mas geralmente incluem dificuldades na interação social, padrões repetitivos de comportamento e interesses restritos.

A inclusão de alunos com autismo nas escolas regulares requer uma abordagem pedagógica diferenciada, que respeite suas necessidades específicas. O desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam a inclusão de crianças com autismo é essencial para garantir que esses alunos possam participar ativamente do ambiente escolar, interagir com seus colegas e progredir em sua aprendizagem. A educação inclusiva é, portanto, um direito de todos e deve ser assegurada para promover uma sociedade mais igualitária e respeitosa com as diferenças.

No entanto, crianças com TEA muitas vezes enfrentam barreiras significativas no ambiente escolar devido às suas necessidades específicas de aprendizagem.

Compreender essas dificuldades e desenvolver estratégias educativas adaptadas são passos essenciais para garantir que essas crianças tenham acesso a uma educação de qualidade e sejam capazes de alcançar seu máximo potencial. Este estudo se justifica pela necessidade de evidenciar e analisar as dificuldades de aprendizagem enfrentadas por crianças com TEA, contribuindo assim para a implementação de práticas pedagógicas mais inclusivas e adaptadas às necessidades individuais desses alunos. Além disso, a escolha desta

temática foi motivada pela curiosidade e interesse despertados ao longo das minhas experiências de estágio. Durante esses períodos, foram observados um número significativo de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa vivência prática suscitou um desejo crescente de compreender melhor o transtorno, suas características, impactos e as melhores práticas de intervenção.

O TEA apresenta um espectro amplo de manifestações, e cada criança pode ter necessidades únicas que exigem abordagens pedagógicas específicas. Sem uma compreensão clara e estratégias bem definidas, essas crianças correm o risco de serem deixadas para trás no sistema educacional, o que pode resultar em impactos negativos em seu desenvolvimento acadêmico e social.

Dessa forma, buscando encontrar pesquisas acerca dessa mesma temática, foi realizado um levantamento bibliográfico no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES na data de 15/04/2024, entre o período de 2001 a 2023, na qual utilizamos como descritor: Práticas pedagógicas *AND* TEA. A partir disso, foi possível observar que existe uma pequena quantidade de trabalhos que discutem a respeito das práticas pedagógicas voltadas aos alunos com TEA. Uma vez que ao final foram encontradas 18 pesquisas, sendo elas referentes aos autores: Miranda (2001), Costa (2015), Vital (2016), Frade (2018), Klem (2020), Santos (2020), Soares (2020), Lobato (2021), Cardozo (2021), Mozetti (2022), Carminatti (2022), Nascimento (2022), Eugenio (2023), Gentil (2023), Dalcerro (2023), Souza (2023), Bregue (2023), Costa (2023).

Assim, esta pesquisa destaca a relevância da temática para a sociedade, destacando a importância de práticas pedagógicas inclusivas e adaptadas para garantir o desenvolvimento integral dos alunos com TEA, minimizando suas dificuldades de aprendizagem.

Dessa forma, esta pesquisa possui os seguintes objetivos:

1.1 Objetivo Geral:

Analisar pesquisas que investigaram as práticas pedagógicas para crianças com TEA, a partir do levantamento de teses e dissertações no período de 2001 a 2023.

1.2 Objetivos Específicos:

- a) Identificar nas pesquisas analisadas, quais as principais dificuldades de aprendizagem específicas de crianças com TEA.

- b) Investigar práticas pedagógicas para crianças com TEA por meio de revisão da literatura.

1.3 Caminhos metodológicos

A presente pesquisa se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica com base na abordagem qualitativa, em que conforme Minayo (1994) a pesquisa qualitativa preocupa-se com a realidade que não poderá ser quantificada, sendo necessário fazer o aprofundamento acerca do objeto. Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa é do tipo bibliográfica, conforme discutido por Gil (2008, p. 44): “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos”. Ou seja, essa pesquisa será realizada por meio de fontes bibliográficas.

Além disso, é válido destacar que esta é uma pesquisa de natureza exploratória, uma vez que busca fazer com que o pesquisador se aproxime do objeto a ser pesquisado. Nesse sentido, no início do desenvolvimento da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, com o intuito de encontrarmos pesquisas que houvesse o foco direcionado a mesma temática desta pesquisa. E acerca desse levantamento, Gil (2008, p. 61) pontua que: “Esse levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo [...]”.

Foi elaborado o mapeamento da literatura para encontrarmos as pesquisas, sendo assim, usufruirmos do que Kohls-Santos e Morosini (2021), discutem sobre o Estado de Conhecimento

Para desenvolver este trabalho de pesquisa, foram delineadas etapas a serem seguidas ao longo do processo: a) Identificação do problema central da investigação; b) Seleção das bases de dados a serem consultadas; c) Determinação do período de busca; d) Estabelecimento dos critérios de inclusão; e) Definição dos termos e conceitos chave; f) Seleção dos estudos a serem incluídos e excluídos; g) Análise e interpretação dos resultados obtidos (p. 125).

Sendo assim, o desenvolvimento desta pesquisa seguiu os passos recomendados pelas autoras da seguinte maneira: a) Identificação do problema central da investigação: há práticas pedagógicas eficientes para a aprendizagem do aluno com autismo?; b) Seleção das bases de dados a serem consultadas: optamos por um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; c) Determinação do período de busca: as buscas foram realizadas no período entre 2001-2023.

Esta pesquisa está estruturada da seguinte forma: I) Esta introdução; II) na segunda seção são discutidos os principais aspectos do Transtorno do Espectro Autista (TEA),

abrangendo sua definição, características e os aspectos educacionais relacionados. III) Na terceira seção apresentamos o Estado do conhecimento: Práticas pedagógicas inclusivas para alunos com TEA. IV) Apresentamos os desafios e estratégias na educação de crianças com TEA, na qual foi investigada as dificuldades de aprendizagem e práticas pedagógicas. E na seção V) Fazemos as considerações finais, onde serão discutidos os principais resultados da pesquisa.

2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): DEFINIÇÃO, CARACTERÍSTICAS E ASPECTOS EDUCACIONAIS

Nesta seção, serão discutidos os principais aspectos do Transtorno do Espectro Autista (TEA), abrangendo sua definição, características e os aspectos educacionais relacionados. O autismo, um transtorno do neurodesenvolvimento, tem sido amplamente estudado desde as primeiras descrições no início do século XX. Com avanços significativos na compreensão do transtorno, as contribuições de Eugen Bleuler (1960), Leo Kanner (1943) e Hans Asperger (1944) foram fundamentais para o reconhecimento e a caracterização do TEA. Ou seja, serão detalhados esses aspectos, proporcionando uma visão abrangente do transtorno e suas implicações educacionais.

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que tem sido objeto de estudo e pesquisa ao longo de décadas, marcando avanços significativos na compreensão e abordagem deste transtorno. As primeiras descrições do autismo remontam ao início do século XX, com Eugen Bleuler introduzindo o termo em 1908 para descrever sintomas observados em pacientes com esquizofrenia (Bleuler, 1960). No entanto, em 1943 o psiquiatra austríaco Leo Kanner publicou um estudo pioneiro descrevendo o “autismo infantil precoce” estabelecendo as bases para o reconhecimento do autismo como um transtorno distinto (Kanner, 1943). Já no ano de 1944, Hans Asperger descreveu o que viria a ser conhecido como Síndrome de Asperger, enriquecendo a compreensão das diversas manifestações do espectro autista (Teodoro; Godinho; Hachimine, 2016).

Nas décadas seguintes, o conceito de Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi se desenvolvendo, culminando na inclusão do autismo como um transtorno separado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) na edição de 1980, impulsionando a compreensão do TEA (APA, 1980). Hoje o DSM está em sua quinta edição, a qual também é conhecida como DSM-5, conforme destacado por Ribeiro e Marteleto (2023). Dessa maneira, as revisões subsequentes do DSM refletiram a complexidade do TEA e a diversidade de características presentes no espectro autista.

Ademais, Ribeiro e Marteleto (2023, p. 03) pontuam que: “O DSM surgiu devido à necessidade de haver um documento que auxiliasse no diagnóstico de transtornos mentais por parte dos profissionais da área da saúde mental”. A pesquisa científica sobre o autismo avançou, identificando fatores genéticos e ambientais associados ao transtorno,

desenvolvendo intervenções baseadas em evidências e promovendo a inclusão e aceitação das pessoas com autismo na sociedade.

Além disso, essas pesquisas têm contribuído para a elaboração de políticas públicas mais efetivas, visando garantir os direitos e o bem-estar das pessoas com TEA.

2.1 Definição e características do TEA

Atualmente o autismo é reconhecido como um transtorno complexo que se manifesta na infância e acompanha o indivíduo ao longo da vida, afetando a forma como uma pessoa se comunica, interage socialmente e percebe o mundo ao seu redor. Teixeira (2016, p. 16) define o TEA da seguinte maneira: “O transtorno do espectro autista pode ser definido como um conjunto de condições comportamentais caracterizadas por prejuízos no desenvolvimento de habilidades sociais, da comunicação e da cognição da criança”.

Os prejuízos nas habilidades sociais podem se manifestar em dificuldades em compreender e responder a interações sociais. Indivíduos com TEA podem ter problemas em entender regras sociais implícitas e em formar laços emocionais com outras pessoas. Na comunicação, além das dificuldades mencionadas anteriormente, pode haver atraso no desenvolvimento da fala, ausência de comunicação verbal e dificuldades em usar a linguagem de maneira funcional. Em relação à cognição, os prejuízos referem-se a dificuldades em processar e interpretar informações de maneira típica, o que pode afetar a capacidade de resolver problemas, a flexibilidade no pensamento e a compreensão de conceitos abstratos.

Dalmazo, Iacono e Rossetto (2022, p. 11) discutem que: “Os primeiros sinais do autismo aparecem antes dos três anos de idade da criança e, em alguns casos, após o nascimento, embora sejam sinais pouco claros no primeiro ano de vida do bebê”. Com isso, fica evidente a importância de um diagnóstico precoce e de uma intervenção imediata para melhorar os resultados de desenvolvimento e aprendizado das crianças com TEA.

Os sinais de autismo, que podem ser observados antes dos três anos de idade, frequentemente incluem atrasos na fala e na comunicação, dificuldades em estabelecer contato visual, falta de resposta ao nome e ausência de habilidades de brincadeira apropriadas à idade. No entanto, como mencionado por Dalmazo, Iacono e Rossetto (2022), esses sinais podem ser sutis e difíceis de identificar durante o primeiro ano de vida. Por exemplo, um bebê pode parecer menos interessado em interagir com outras pessoas ou pode não responder a estímulos sociais de maneira esperada. Essa falta de clareza nos sinais iniciais pode atrasar o diagnóstico e, conseqüentemente, a intervenção.

A identificação precoce do autismo enfrenta vários desafios, entre eles: a variabilidade nos sinais e sintomas do TEA, o qual significa que nem todas as crianças apresentam os mesmos indicadores, uma vez que algumas pessoas com autismo podem apresentar sinais claros desde cedo, enquanto outros podem desenvolver sintomas mais tarde. Outro aspecto é a falta de conhecimento adequado entre profissionais da educação que pode ocasionar a falta de um ensino inclusivo. Segundo Silva (2022):

O aluno com TEA tem direito legal ao acesso à educação, porém a sua presença na escola regular é um desafio para os professores. Nesse sentido, certos aspectos como a falta de conhecimento sobre o TEA e concepções equivocadas dos professores a seu respeito acabam por influenciar nas ações pedagógicas, tornando-as pouco eficazes (p. 44).

Com isso, Silva (2022) enfatiza a falta de conhecimento sobre o TEA nas ações pedagógicas. Pois quando os educadores não têm uma compreensão clara e precisa do transtorno, suas estratégias de ensino podem não ser adequadas para promover o desenvolvimento pleno dos alunos com TEA. Isso pode levar à exclusão indireta, mesmo em ambientes onde a inclusão é o objetivo.

Em relação às características do TEA, estas são diversas e variam significativamente entre os indivíduos. No entanto, alguns traços comuns incluem dificuldades na comunicação social, em que crianças com TEA frequentemente apresentam dificuldades em iniciar e manter conversas, interpretar linguagem não verbal, como gestos e expressões faciais. Silva (2022, p. 24) discute em sua pesquisa, algumas alterações no comportamento do indivíduo com autismo, sendo elas: “Essas alterações se apresentam em maior ou menor intensidade durante todo o desenvolvimento, comprometendo áreas da comunicação e interação social e comportamentos repetitivos e interesses restritos”.

Além disso, muitos indivíduos com TEA exibem comportamentos repetitivos, como balançar o corpo, alinhar objetos, ou seguir rotinas estritas. Silva (2022) caracteriza esses comportamentos como uma estereotipias, e explica que essas estereotipias são:

[...] comportamentos repetitivos que envolvem linguagem, movimento e postura que, às vezes, são entendidos como manias. Em geral, as estereotipias não têm uma explicação racional, mas podem estar relacionadas à condição emocional da criança, e aumentam a frequência devido ao estresse, à excitação, à raiva, à alegria (p. 101).

Esses comportamentos podem variar de pessoa para pessoa, desde movimentos repetitivos simples como balançar a mão, até comportamentos mais complexos como alinhamento de objetos ou fixação em assuntos específicos. Essas diferenças podem ser identificadas desde o nascimento, por meio de observações e avaliações clínicas, ou podem se

tornar mais evidentes ao longo dos anos, à medida que a criança apresenta dificuldades em se comunicar, interagir socialmente e demonstrar comportamentos repetitivos.

Outra característica é a sensibilidade sensorial, onde crianças com TEA podem ser hiper- ou hipo-sensíveis a estímulos sensoriais, como luzes brilhantes, sons altos, texturas de alimentos ou roupas, o que pode impactar significativamente suas atividades diárias e aprendizado. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) ao discutir as características do autismo, pontua que:

Características diagnósticas nucleares estão evidentes no período do desenvolvimento, mas intervenções, compensações e apoio atual podem mascarar as dificuldades, pelo menos em alguns contextos. Manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro (APA, 2014, p. 53).

Assim, o DSM-5 oferece uma visão abrangente sobre o TEA, destacando a complexidade e a variabilidade das manifestações do transtorno. Essa observação é crucial porque enfatiza a importância de diagnósticos precisos e de intervenções personalizadas. A variabilidade das manifestações do TEA é um ponto central na compreensão e no tratamento do transtorno. As manifestações diferem amplamente em função da gravidade do autismo, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica. Esta diversidade é a razão pela qual o termo "espectro" é empregado, refletindo a ampla gama de sintomas, habilidades e níveis de deficiência que podem estar presentes em indivíduos com TEA.

Um diagnóstico precoce é essencial para o desenvolvimento de intervenções efetivas. Identificar o TEA em crianças o mais cedo possível permite que elas recebam apoio e serviços especializados durante os anos críticos de desenvolvimento. A intervenção precoce pode incluir terapia comportamental, terapia da fala, terapia ocupacional e programas educacionais adaptados.

Ainda em relação ao diagnóstico, Teixeira (2016, p. 33) ressalta: “O diagnóstico do autismo é clínico, depende de uma minuciosa avaliação comportamental da criança e de entrevista com os pais”. O autor enfatiza a natureza clínica e a complexidade do processo diagnóstico do autismo, que requer uma avaliação detalhada e multifacetada. Teixeira (2016) ressalta que o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) não é baseado em testes laboratoriais, mas em uma análise criteriosa do comportamento da criança e na coleta de informações detalhadas por meio de entrevistas com os pais.

A avaliação comportamental envolve a observação minuciosa de uma ampla gama de comportamentos em diferentes contextos, incluindo a análise de como a criança se comunica, interage socialmente e responde ao seu ambiente. Profissionais de saúde mental, como

psicólogos e psiquiatras, utilizam critérios estabelecidos em manuais diagnósticos, como o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) ou a CID-10 (Classificação Internacional de Doenças), para identificar padrões comportamentais característicos do TEA.

As entrevistas com os pais constituem uma parte essencial do processo diagnóstico, pois fornecem informações valiosas sobre o desenvolvimento precoce da criança, comportamentos específicos observados ao longo do tempo e quaisquer preocupações que possam ter. Além disso, os pais podem relatar marcos de desenvolvimento, respostas a estímulos, padrões de comunicação e interação social que podem não ser facilmente observáveis em um ambiente clínico. Essa perspectiva é crucial para obter uma compreensão completa e precisa do comportamento da criança em diferentes situações e contextos.

2.2 Aspectos educacionais do TEA

Nesta subseção, será discutida a abordagem educacional para crianças com TEA, destacando a necessidade de adaptação às necessidades individuais de cada aluno. Abordaremos a importância de diagnósticos precoces, a criação de ambientes inclusivos, as estratégias pedagógicas eficazes, a formação de educadores e a colaboração entre professores, pais e profissionais de saúde.

Os aspectos educacionais do TEA envolvem uma série de estratégias e práticas que visam atender às necessidades específicas dos estudantes com esse transtorno. O TEA é uma condição neurodesenvolvimental que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento. A educação para pessoas com TEA deve ser inclusiva e adaptada para maximizar seu potencial de aprendizado e desenvolvimento. Segundo Papim (2020):

Sabe-se que o autismo é um distúrbio de desenvolvimento complexo, o qual é definido de um ponto de vista comportamental e apresenta etiologias múltiplas, caracterizadas por graus variados de gravidade. O diagnóstico, para o campo educacional, é secundário, porque não altera o trabalho pedagógico a ser feito, uma vez que o professor precisa se alinhar às necessidades educacionais expressas pela criança com o conteúdo a ser aprendido (p. 20).

Neste contexto, a abordagem educacional para crianças com TEA deve ser personalizada e adaptativa. Isso significa que o foco deve estar nas necessidades individuais de cada aluno, em vez de uma abordagem única para todos.

É essencial que os educadores recebam formação adequada para identificar e atender às necessidades específicas de alunos com autismo, utilizando estratégias pedagógicas

eficazes que promovam o aprendizado e o desenvolvimento social. Acerca disso, Nunes (2023) enfatiza a importância da formação especializada, destacando que

A formação especializada é de extrema importância para o acompanhamento de crianças com TEA Transtorno do Espectro Autista nas escolas, pois as crianças têm necessidades específicas que devem ser atendidas para que ela possa ter um desenvolvimento adequado e uma inclusão escolar efetiva (p. 75).

Além disso, a colaboração entre professores, pais e profissionais de educação é crucial para o sucesso educacional de crianças com TEA. A comunicação contínua e o trabalho conjunto permitem a criação de um ambiente de aprendizagem mais coeso e favorável. Isso também inclui o desenvolvimento de planos de educação individualizados (PEI) que abordam tanto os objetivos acadêmicos quanto os sociais do aluno.

A crescente conscientização sobre o autismo tem levado à criação de planos educacionais e sociais que apoiam não apenas os indivíduos diagnosticados, mas também suas famílias e comunidades, facilitando uma abordagem mais inclusiva para o manejo do transtorno. Acerca do PEI, Silva e Camargo (2021) ressaltam que:

O Plano Educacional Individualizado é uma das modalidades de individualização do ensino que permite atentar para as necessidades de aprendizagem do estudante com deficiência ao planejar os métodos e estratégias de ensino a serem utilizadas (p. 5).

Com isso, Silva e Camargo (2021) destacam a importância do PEI como uma ferramenta fundamental para atender às necessidades de aprendizagem dos estudantes com deficiência. O PEI é uma abordagem que possibilita a personalização do ensino, levando em consideração as particularidades de cada aluno e, assim, planejando métodos e estratégias específicas que melhor se adequem ao seu processo de aprendizagem.

Essa perspectiva é crucial no contexto da educação inclusiva, pois o PEI vai além de um planejamento pedagógico comum. Ele se baseia na ideia de que cada aluno tem seu ritmo de desenvolvimento, suas habilidades e suas dificuldades, e que, portanto, a educação deve ser adaptada para promover o aprendizado de maneira eficiente e significativa. O plano deve ser desenvolvido de forma colaborativa, envolvendo não apenas professores, mas também familiares e outros profissionais que atuem com o aluno.

Ao ressaltar a personalização do ensino, Silva e Camargo (2021), reforçam a necessidade de um olhar atento e específico para cada aluno, evitando práticas homogêneas que podem não atender às demandas de todos. Nesse sentido, o PEI se apresenta como uma estratégia indispensável para garantir que os estudantes com deficiência possam ter acesso ao currículo de forma adequada, promovendo, assim, equidade no processo educacional.

A inclusão de alunos com TEA em escolas regulares, com os devidos suportes e adaptações, é essencial. Um ambiente inclusivo promove a interação social e a aprendizagem em um contexto natural. No entanto, é importante que as escolas estejam preparadas para fornecer apoio individualizado e criar um ambiente acolhedor e compreensivo.

Existem diversas estratégias e abordagens que podem ser eficazes para alunos com TEA, incluindo ensino estruturado, comunicação visual, tecnologia assistiva, ensino individualizado e intervenções comportamentais. O ensino estruturado organiza o ambiente de aprendizagem de maneira previsível, ajudando os alunos a entender o que é esperado deles e a reduzir a ansiedade. A comunicação visual, como o uso de horários visuais e cartões de comunicação, facilita a compreensão e a interação. Ferramentas tecnológicas, como tablets e aplicativos educacionais, podem ser úteis para o ensino de habilidades acadêmicas e sociais.

Desenvolver o PEI é fundamental para atender às necessidades e aos pontos fortes específicos de cada aluno. Acerca disso, Mozetti (2022) discute que:

Para contemplar um ensino personalizado, que atenda a diversidade dos alunos, o Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) é colocado como um instrumento norteador. O PDI ou Plano Educacional Individualizado (PEI) é um documento escolar do(a) estudante, focado em suas potencialidades e especificidades e que objetiva garantir os resultados esperados em sua escolarização (p. 52).

Ao utilizar o PEI, os educadores podem identificar e desenvolver estratégias pedagógicas que considerem as particularidades de cada aluno, promovendo uma educação mais inclusiva e eficaz. Este plano envolve a colaboração entre professores, pais e outros profissionais da educação, assegurando que todos estejam alinhados em relação aos objetivos e métodos de ensino. Assim, o PEI não apenas facilita a inclusão escolar, mas também promove o desenvolvimento integral do estudante, respeitando suas necessidades individuais e potencializando suas capacidades.

A regulamentação do PEI no Brasil está diretamente vinculada ao cumprimento das legislações voltadas para a inclusão escolar. A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) estabelece que as instituições de ensino devem adotar as medidas necessárias para promover a acessibilidade, eliminando barreiras e garantindo o pleno desenvolvimento educacional dos alunos com necessidades específicas.

Segundo Silva e Camargo (2021) a regulamentação e a utilização do PEI no Brasil representa uma importante estratégia para assegurar o direito à educação inclusiva, conforme previsto na legislação nacional, como a Lei Brasileira de Inclusão - Lei nº 13.146/2015 e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008).

O PEI é um documento pedagógico que visa atender às necessidades específicas dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, garantindo-lhes o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem no ambiente escolar regular.

Outro destaque é utilizar técnicas como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) que podem ajudar a ensinar habilidades específicas e a melhorar comportamentos desejados. Conforme Teixeira (2016),

O método ABA é praticado por psicólogos experientes e consiste no estudo e na compreensão do comportamento da criança, de sua interação com o ambiente e com as pessoas com quem se relaciona. Para corrigir os comportamentos problemáticos e estimular os assertivos e práticos, são desenvolvidos treinamentos e estratégias específicas a partir da compreensão e do funcionamento global da criança (p. 43).

É fundamental que os professores e os demais funcionários da escola recebam formação adequada sobre TEA e estratégias de ensino inclusivas. Essa formação pode incluir capacitação sobre o que é o autismo, técnicas de manejo comportamental e adaptação de currículo. Possibilitando a compreensão das características do autismo e como ele pode afetar o aprendizado. Sendo necessário que os docentes aprendam a gerenciar comportamentos desafiadores de maneira positiva e eficaz e saibam como adaptar o currículo e as avaliações, visto que, essas são competências importantes para educadores que trabalham com alunos com TEA.

A colaboração entre a escola e as famílias dos alunos com TEA também é essencial. As famílias podem fornecer informações valiosas sobre os pontos fortes e as necessidades de seus filhos, além de colaborar na implementação de estratégias consistentes em casa e na escola. Além do suporte acadêmico, é importante oferecer suporte psicológico e social aos alunos com TEA. Isso pode incluir terapia ocupacional e da fala para desenvolver habilidades motoras finas e comunicação, e grupos de habilidades sociais para ajudar os alunos a desenvolver e praticar habilidades sociais em um ambiente seguro.

No ambiente escolar, o professor desempenha um papel crucial na inclusão de alunos com autismo. Ele atua como um facilitador essencial para garantir que esses alunos tenham acesso a uma educação de qualidade que seja adaptada às suas necessidades individuais. Esta abordagem respeitosa e inclusiva reconhece a diversidade de características e desafios apresentados pelos alunos autistas. Stravogiannis (2022) destaca que a formação e o acesso à informação de qualidade para esses profissionais são essenciais para que a inclusão seja efetiva, permitindo o uso de estratégias pedagógicas que respeitem as diferenças e valorizem as potencialidades de cada aluno.

Para assegurar uma inclusão educacional eficaz, é fundamental que o professor seja criativo e esteja constantemente em busca de conhecimento, ampliando suas habilidades e adaptando suas práticas para atender às diversas necessidades e diversidades dos alunos na sala de aula. Uma formação adequada é essencial para preparar os educadores, capacitando-os a avaliar o comportamento dos alunos e suas famílias de maneira imparcial, facilitando intervenções direcionadas.

Uma das responsabilidades do professor é adaptar o ambiente físico da sala de aula para atender às necessidades específicas dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Contudo, Stravogiannis (2022) discute que existe a necessidade de envolver toda a comunidade escolar no processo de inclusão, sendo necessário ter consciência de que a responsabilidade não recai apenas sobre os professores, mas sobre todos os profissionais que compõem o ambiente educacional, desde a direção até os serviços de apoio, como nutrição e higienização. Essas adaptações desempenham um papel significativo na promoção de um ambiente propício ao aprendizado e ao bem-estar dos alunos.

Portanto, lidar com alunos autistas envolve desafios particulares, incluindo a constante adaptação das estratégias de ensino, a atenção personalizada e o manejo de comportamentos complexos. Diante desses desafios, os professores podem até ponderar sobre abandonar a profissão. Acerca disso, Santos e Vieira (2017) salientam que:

As características da pessoa com autismo não podem ser motivos de desistência nos aspectos pessoal, educacional e profissional, é um desafio, e os primeiros passos a serem tomados é conhecer, acompanhar e buscar cada vez mais por melhores condições para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. O TEA não se concentra nas dificuldades, mas na ampliação de novos olhares, novas possibilidades de conhecimento, na compreensão do sujeito, enquanto ser social, buscando perspectivas de evolução (p. 222).

Assim, é crucial entender que as características dos alunos autistas não devem ser vistas como obstáculos para desistência nos contextos pessoal, educacional e profissional. Pelo contrário, enfrentar esses desafios representa uma oportunidade de expandir horizontes e adquirir novos aprendizados. Nesse sentido, o foco deve estar na compreensão do aluno como um indivíduo social em contínua evolução. A respeito disso, Barberini (2018) destaca que:

Utilizar estratégias pedagógicas diferenciadas é, sem dúvida, uma vertente para igualar as oportunidades, mas para que os docentes as utilizem, é necessário que reconheçam seus alunos como sujeitos capazes de aprender [...] (p. 50).

Os aspectos educacionais do TEA envolvem uma abordagem multifacetada que inclui diagnóstico precoce, um ambiente inclusivo, estratégias de ensino personalizadas, formação de educadores, colaboração com famílias e suporte psicológico e social. Ao adotar essas

práticas, as escolas podem ajudar os alunos com TEA a alcançar seu potencial máximo e a se tornarem membros ativos e bem-sucedidos da sociedade.

3 ESTADO DO CONHECIMENTO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS PARA ALUNOS COM TEA

O estado do conhecimento refere-se à compreensão e ao nível de informação disponíveis sobre um determinado assunto ou campo em um momento específico. Ao discutir o estado do conhecimento, geralmente são considerados os seguintes aspectos: pesquisa atual e passada, lacunas de conhecimento, tendências e direções futuras, e aplicações práticas. Romanowski e Ens (2006, p. 40) definem o estado do conhecimento como: “O estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado”.

Esta seção tem como finalidade apresentar o Estado do Conhecimento acerca da temática “Práticas pedagógicas inclusivas para o desenvolvimento integral dos alunos com TEA”. Este levantamento foi realizado no banco de dados da CAPES, na qual foi utilizado o seguinte descritor: “*Práticas pedagógicas AND TEA*”, para este levantamento foi delimitado o período de 2001 a 2023.

Dessa maneira, foram identificados 18 trabalhos que se enquadram na temática em questão. Contudo, ao proceder à análise detalhada desses trabalhos, observou-se que um trabalho apresentou abordagens que divergiam do foco central desta pesquisa. Conseqüentemente, este estudo foi excluído para garantir a homogeneidade e relevância dos dados analisados. A exclusão dos trabalhos não pertinentes permite uma maior profundidade na análise dos estudos remanescentes, potencializando a contribuição acadêmica deste estudo ao campo específico de investigação.

A partir das leituras e análises realizadas nas pesquisas selecionados, foram agrupados em 3 categorias:

- Desafios às práticas pedagógicas e intervenções educacionais para alunos com TEA.
- Inclusão e diversidade.
- Formação de professores.

3.1 Apresentação das categorias

A seguir, serão apresentados as pesquisas encontradas, destacamos que entre as 18 pesquisas encontradas no catálogo da CAPES, foi excluída uma pesquisa, sendo ela a pesquisa de Miranda (2001) que possui como título: *Jornalistas em cena artistas em pauta: Análise da cobertura jornalística dos espetáculos teatrais baianos realizados pelos jornais a tarde e correio da Bahia na década de 90*, que tem como um dos objetivos de pesquisa: “[...] apresentar as características essenciais da atividade jornalística, tal como vem sendo

considerada por diversos autores (Miranda, 2001, p. 19)”. Ou seja, não aborda a temática da presente pesquisa. As demais pesquisas encontradas acerca do tema poderão ser observadas no apêndice A.

A tabela 1 apresenta os 17 trabalhos que foram encontrados no levantamento bibliográfico. Ao analisarmos a tabela, podemos ver que a maior quantidade de trabalhos encontrados foram dissertações, e apenas uma tese foi identificada. Sendo que o ano de 2023 foi o ano que mais apresentou pesquisas.

Tabela 1 - Quantidade de pesquisas encontradas no período de 2015 a 2023.

| TIPO DE PESQUISA | 2015 | 2016 | 2018 | 2020 | 2021 | 2022 | 2023 | Total |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|
| Dissertação | 1 | - | 1 | 3 | 2 | 3 | 6 | 16 |
| Teses | - | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| TOTAL | 1 | 1 | 1 | 3 | 2 | 3 | 6 | 17 |

Fonte: Levantamento do catálogo da CAPES, elaborado pela autora, 2024.

Já a tabela 2 apresenta todos os autores que pesquisaram acerca da temática desta pesquisa.

Tabela 2 - Autores dos trabalhos identificados.

| Tipo de pesquisa | Quantidades | Autores |
|-------------------------|--------------------|---|
| Teses | 1 | Vital (2016). |
| Dissertações | 16 | Costa (2015), Frade (2018), klem (2020), Santos (2020), Soares (2020), Lobato (2021), Cardozo (2021), Mozetti (2022), Carminati (2022), Nascimento (2022), Eugenio (2023), Gentil (2023), Dalcero (2023), |

| | | |
|--|--|--|
| | | Souza (2023), Bregue (2023), Costa (2023). |
|--|--|--|

Fonte: Levantamento do catálogo da CAPES, elaborado pela autora, 2024.

Ademais, ao realizarmos a leitura das 17 pesquisas, foi possível dividir os trabalhos em algumas categorias temáticas, deixando da maneira que está apresentado na tabela 3.

Tabela 3 - Categorização dos trabalhos

| CATEGORIAS | TESE | DISSERTAÇÕES | Total |
|--|----------|--------------|-----------|
| Desafios às práticas pedagógicas e intervenções educacionais para alunos com TEA. | - | 9 | 9 |
| Inclusão e diversidade. | - | 3 | 3 |
| Formação de professores. | 1 | 4 | 5 |
| TOTAL | 1 | 16 | 17 |

Fonte: Levantamento do catálogo da CAPES, elaborado pela autora, 2024.

Esta tabela 3 apresenta as três categorias nas quais os trabalhos foram agrupados, situando as quantidades e os tipos de pesquisas. A seguir apresentamos cada uma destas pesquisas, em que destacamos o objeto de estudo, o tipo de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e os principais resultados que os autores destacaram em seus trabalhos.

Desafios às práticas pedagógicas e intervenções educacionais para alunos com TEA

Eugênio (2023) em sua pesquisa intitulada “*Docentes e Inclusão escolar: desafios em realizar práticas pedagógicas e intervenções com as pessoas com TEA*” que possui um caráter participativo, na qual tinha como objetivo entender as necessidades dos educadores de dois Centros de Educação Infantil e um Centro para Crianças e Adolescentes na região da Brasilândia, em São Paulo (SP), em relação à educação de crianças com autismo. Para a realização desta pesquisa, a autora realizou encontros, com momentos reflexivos com os educadores, esses momentos eram gravados e transcritos. Nesses encontros eram realizadas atividades que tinham o intuito tanto de alcançar os objetivos da pesquisa realizada, mas

também fazer com que os educadores ampliassem ampliem o conhecimento acerca da educação inclusiva.

Ao final, Eugênio (2023) concluiu com suas análises que existe a falta de políticas públicas, a atribuição de rótulos sociais, e deficiência na infraestrutura e conhecimento dos educadores. No entanto, ficou evidente a vontade de aprender e intervir, buscando fazer a diferença e apoiar pessoas com TEA por parte dos educadores de Brasilândia.

Outra pesquisa encontrada foi a de Costa (2015), que possui como título “*Práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil: atividades lúdicas envolvendo crianças com Transtornos do Espectro Autista (TEA)*”, sendo uma pesquisa quanti-qualitativa, que havia como objetivo:

[...] investigar a prática pedagógica dos professores, conhecendo as possibilidades e os desafios diante da inclusão escolar, bem como destacar recursos e estratégias por meio de atividades lúdicas que favorecem o processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da educação infantil (p. 17).

Para que pudesse realizar esta pesquisa, a autora desenvolveu um estudo de caso com 89 professores de Educação Infantil de um município de São Paulo, e a coleta de dados foi feita por meio de questionários e observação participante do cotidiano escolar de uma turma. Durante a pesquisa, os participantes revelaram para Costa (2015) que as brincadeiras de faz-de-conta, os jogos de montar e as atividades que envolvem movimento são as mais frequentes na educação infantil. Contudo, ao final a pesquisa revelou que um dos maiores desafios na inclusão escolar é a dificuldade dos professores em adaptar atividades às limitações das crianças, necessitando de apoio adicional, bem como dificuldades no planejamento de atividades que interessem às crianças.

Já a dissertação de Klem (2020) intitulada “*Atuação do mediador escolar com crianças autistas no contexto educativo: Construindo um E-book com orientações sobre práticas pedagógicas inclusivas para crianças com TEA*”, foi uma pesquisa bibliográfica, em que o objetivo era refletir sobre a importância da mediação escolar para crianças autistas no ensino fundamental I, favorecendo a inclusão e a aprendizagem significativa. Como resultados obtidos, a autora concluiu

[...] que o processo da mediação escolar e o papel do mediador junto aos alunos com autismo a fim de concretizar-se tanto o processo de inclusão quanto o processo de ensino-aprendizagem significativo e que contribua de forma positiva na vida desses indivíduos com características tão diversificadas é de suma importância para o pleno desenvolvimento, na medida do possível, desses indivíduos compreendendo o ser como um todo (p. 60).

Ainda acerca das práticas pedagógicas, Cardozo (2021) realizou uma pesquisa qualitativa, que teve como título: “*A inclusão de alunos com TEA no Ensino Fundamental:*

uma análise a partir da prática pedagógica na perspectiva do afeto”, que havia como foco pesquisar as interações entre professores e alunos com TEA nos três primeiros anos do ensino fundamental, na qual o foco era a ação pedagógica através do afeto. A autora utilizou para coletar os dados, entrevistas semiestruturadas realizadas com oito professoras que lecionam nos primeiros anos do ensino fundamental em uma escola de Porto Alegre/RS. E a pesquisa mostrou como resultados que os professores acreditam que processos inclusivos mais qualificados se dão a partir da relação professor/aluno e da mediação entre os pares, ressaltando que a prática pedagógica deve respeitar as individualidades dos alunos (Cardozo, 2021).

Dalcerro (2023) desenvolveu uma pesquisa intitulada como: *“Conhecimentos e práticas pedagógicas de professoras de centros de Educação Infantil em relação a crianças com Transtorno do Espectro Autista”*, buscou investigar os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professoras de alguns centros de educação infantil de um município do Rio de Janeiro, bem como o atendimento às crianças com TEA. Para isso, foram consultados o Departamento de Educação Especial da Secretaria de Educação e o Centro de Referência em Educação Inclusiva. Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, e os dados foram coletados utilizando um roteiro semiestruturado com questões abertas, aplicado em entrevistas, e analisados de forma descritiva. Os resultados principais indicaram que as professoras possuem conhecimentos limitados sobre o TEA, adquiridos principalmente por meio de leituras na internet e em livros, além da experiência prática ao longo dos anos (Dalcerro, 2023).

Ainda em relação às práticas pedagógicas, Dalcerro (2023) observou nos resultados que as professoras destacaram a importância de conhecer cada criança, entender seus gostos e comportamentos, para desenvolver um plano de ensino adequado, reconhecendo que o desenvolvimento das crianças com autismo é um processo contínuo. Nestes processos, elas utilizavam diversos recursos para engajar os alunos nas atividades propostas, algumas relataram dificuldades em planejar atividades adaptadas devido à falta de conhecimento e de materiais adequados, o que gera sentimentos de incapacidade e frustração.

Santos (2020) realizou uma pesquisa bibliográfica intitulada como: *“Ensino de Matemática e Transtorno do Espectro Autista - TEA: possibilidades para a prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental”*, na qual o objetivo era estudar, identificar, analisar e descrever alternativas que os educadores podem utilizar em sua prática pedagógica nos anos iniciais, considerando os alunos com TEA. Em sua pesquisa, a autora concluiu que, com base na investigação realizada, tornou-se claro que o conhecimento sobre

o Transtorno do Espectro Autista é essencial para assegurar a inclusão eficaz dessas crianças. No estudo, a atitude adotada pelo professor em sala de aula revelou-se um fator decisivo (Santos, 2020).

Já o estudo de Lobato (2021) é uma pesquisa qualitativa, que possui como título: “*Desafios para as práticas pedagógicas de professores para a inclusão no Ensino Regular de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)*”, na qual o objetivo era examinar os desafios enfrentados pelos professores ao atuar em salas de aula regulares com alunos com TEA, a autora utilizou o método de Grupo Focal para coleta de dados, sendo os participantes dez professores de uma escola municipal de ensino fundamental em Humaitá/AM. Esta escola foi escolhida por possuir o maior número de alunos com TEA no ensino regular em 2019. Ao final, a pesquisa revelou que os desafios das práticas pedagógicas para a inclusão de alunos com TEA estão relacionados a uma falta ou superficialidade de conhecimentos específicos para lidar com situações particulares no processo de ensino e aprendizagem; carência de recursos humanos como professores auxiliares e cuidadores; e falta de incentivo institucional e pessoal para formação continuada dos professores (Lobato, 2019).

Ademais, Bregue (2023) realizou uma pesquisa qualitativa que possui como título: “*Avaliação da aprendizagem e a inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista (TEA): as percepções, a prática pedagógica e as barreiras encontradas pelos professores de Ciências*” na qual o objetivo era entender como os professores de Ciências da rede pública de Pelotas/RS avaliavam os alunos com TEA, para realizar a coleta de dados a autora realizou entrevistas semiestruturadas com sete professores de Ciências que atuavam no ensino fundamental. Ao final, a pesquisadora identificou que há fortes indícios de que as lacunas deixadas durante a formação inicial dos professores, especialmente no que diz respeito à preparação para trabalhar com inclusão e diversidade, têm impactado significativamente a prática inclusiva nas escolas (Bregue, 2023).

Além disso, a pesquisa de Bregue (2023) revelou algumas barreiras que os professores possuem em relação ao planejamento e a realização das avaliações da disciplina para alunos com TEA, entre estas barreiras estão: a falta de formação qualificada tanto para futuros professores quanto para aqueles em exercício, a dificuldade em planejar avaliações que considerem as características específicas dos alunos com TEA, a falta de tempo e a sobrecarga de trabalho, a falta de colaboração entre os professores de sala de aula, profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e professores auxiliares, e a dificuldade em ensinar conceitos abstratos de Ciências.

Outra dissertação de Mestrado encontrada foi a pesquisa de Costa (2023) intitulada: *“Práticas pedagógicas no ensino de Geografia para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Uma análise sobre as escolas de tempo integral em Campo Grande- MS”*, em que a autora buscou através de uma pesquisa qualitativa investigar como as práticas pedagógicas dos professores do 2º ao 5º anos do Ensino Fundamental I, nas Escolas de Tempo Integral (ETI) de Campo Grande/MS, influenciam o processo de ensino, aprendizagem e inclusão de estudantes com TEA. Nos resultados, a autora destacou que professores enfrentam dificuldades na criação de atividades adaptadas e lúdicas para ensinar Geografia a alunos com TEA, devido à falta de recursos e tempo. Foi apontada também deficiências na prática de ensino, relacionadas à falta de formação específica em Geografia (Costa, 2023).

Outro destaque relevante diz respeito aos docentes, que frequentemente experimentam sentimentos de medo e "impotência" diante da ausência de conhecimento adequado. A falta de formação continuada para os professores e a ausência de profissionais de apoio pedagógico para os alunos que necessitam são questões críticas. Muitas vezes, os profissionais contratados não permanecem durante todo o ano letivo, resultando em trocas frequentes de apoio (Mozetti, 2022).

Outro destaque apresentado nos resultados da pesquisa foi a falta de formações continuadas foram identificadas, incluindo falta de tempo dedicado à disciplina e conhecimento limitado para elaborar atividades diversificadas. Os resultados sublinham a urgência de investimentos em formações continuadas para pedagogos, focando na aplicação prática dos conceitos de Geografia (Costa, 2023).

Como resultados obtidos, Souza (2023) identificou diversas barreiras enfrentadas pelos estudantes com TEA no cotidiano escolar, conforme a percepção dos professores. Entre essas barreiras estão a escassez de recursos e a falta de apoio para promover a inclusão escolar desses alunos. Além disso, os docentes enfrentam o desafio de lidar com demandas específicas para as quais ainda não possuem o conhecimento necessário. Foi observado também que a maioria dos professores desconhece a proposta do desenho universal para aprendizagem (SOUZA, 2023).

Ainda encontramos a pesquisa de Nascimento (2022) intitulada como: *“O uso de jogos durante o atendimento educacional especializado em estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): contribuições à prática pedagógica no ensino da matemática”*, que traz contribuições acerca da prática pedagógica para o ensino de matemática a alunos com TEA, através da utilização de jogos. O autor realizou uma pesquisa qualitativa, na qual

analisou cinco escolas que atendem exclusivamente estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental em Caruaru. Em que o objetivo do autor era observar como ocorria o AEE através da utilização de jogos, analisando o processo de ensino e aprendizagem de Matemática na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM). Ao final da pesquisa, Nascimento (2022) constatou que o uso de jogos no ensino da Matemática para estudantes com TEA é amplamente reconhecido pelos profissionais do AEE como eficaz para promover significativa evolução na aprendizagem desses alunos.

Ademais, foi identificada ainda uma necessidade de formação continuada para os educadores especializados, pois muitos ainda não se sentiam plenamente seguros em suas práticas, apesar da especialização. A articulação entre professores do AEE e do ensino regular também apresentou fragilidades, com pouca interação e colaboração, o que pode comprometer a efetividade da educação inclusiva (Nascimento, 2022).

As pesquisas analisadas apontam diversos desafios enfrentados pelos educadores no contexto da inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Um dos principais obstáculos está relacionado ao conhecimento sobre o TEA, que se revela insuficiente em muitos casos, adquirindo-se muitas vezes por meio de leituras informais ou pela prática cotidiana, como indicam Dalcero (2023) e Bregue (2023). A formação inicial dos professores carece de uma abordagem mais profunda sobre inclusão e as especificidades do autismo, e isso impacta diretamente na prática pedagógica, especialmente na adaptação de atividades e avaliações para esses alunos (Bregue, 2023; Costa, 2023).

A necessidade de formação continuada é outro ponto crítico destacado nas pesquisas. Muitos professores, mesmo após anos de experiência, ainda relatam insegurança na condução de práticas inclusivas. Isso se deve, em parte, à ausência de formações contínuas que abordem o trabalho com crianças autistas de forma prática e contextualizada, como relatam Santos (2020), Lobato (2021) e Nascimento (2022). A formação deve incluir não apenas a parte teórica, mas também o desenvolvimento de estratégias pedagógicas adaptadas, como a utilização de atividades lúdicas e jogos, considerados recursos eficazes na aprendizagem de crianças com TEA (Nascimento, 2022).

A importância dos vínculos afetivos também foi evidenciada como um aspecto essencial no processo de inclusão. Cardozo (2021) e Klem (2020) destacam que a mediação escolar e a relação afetiva entre professores e alunos são fundamentais para a construção de um ambiente de ensino mais inclusivo e acolhedor. O estabelecimento de vínculos fortalece a confiança mútua e facilita a adaptação dos alunos ao contexto escolar.

Inclusão e diversidade

A seguir serão apresentadas as pesquisas identificadas na categoria inclusão e diversidade. Nesta categoria foram encontradas três pesquisas, sendo das autoras Soares (2020), Mozetti (2022) e Souza (2023).

Soares (2020) realizou uma pesquisa-ação, em que buscava investigar como os professores percebem e representam alunos com TEA, com o objetivo de identificar perfis, características e explorar suas especificidades e potencialidades. Em que para a coleta de dados foi utilizado um questionário semiestruturado, que havia perguntas abertas e fechadas, para que 10 professores participassem da pesquisa. Ao final, com os resultados dos questionários a autora construiu um Manual Orientador de Apoio Pedagógico para professores que trabalham com alunos com TEA. O manual foi desenvolvido de forma colaborativa com os próprios professores envolvidos na pesquisa. E este manual oferece estratégias pedagógicas para promover a inclusão desses estudantes, permitindo que se sintam integrados no ambiente escolar regular, não apenas inseridos.

Mozetti (2022) desenvolveu uma pesquisa qualitativa intitulada: “*A educação inclusiva para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em escolas públicas municipais*”, que tinha como objetivo investigar a Educação Inclusiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em escolas públicas municipais. Para a coleta de dados, a autora utilizou entrevistas semiestruturadas com professores das salas de aula comum, professores da Educação Especial e também com as famílias dos estudantes com TEA, visando obter uma compreensão completa da realidade dos alunos e das práticas educativas implementadas. Como resultados, Mozetti (2022) concluiu que em relação aos estudantes

[...] que ainda é necessário adquirir mais conhecimentos sobre o Transtorno do Espectro Autista, suas características e especificidades, e, sobretudo, sobre as práticas pedagógicas e os recursos que seriam necessários e mais apropriados para desenvolvimento da aprendizagem das pessoas com TEA (p. 111).

Acerca disso, Carminati (2022, p. 49), autora de uma pesquisa que será apresentada na próxima categoria, ressalta que: “O serviço de apoio direcionado aos alunos com deficiência poderá auxiliá-los a superar suas dificuldades e a se desenvolver com mais qualidade no ensino”. A permanência dos profissionais de apoio durante todo o ano letivo permitiria a construção de um vínculo mais forte entre o aluno e o educador, facilitando um entendimento mais profundo das necessidades individuais do aluno e a implementação de estratégias pedagógicas mais eficazes.

A estabilidade no serviço de apoio não só beneficia diretamente os alunos com deficiência, mas também melhora a dinâmica da sala de aula como um todo, promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e colaborativo. Portanto, é fundamental que as instituições educacionais busquem maneiras de garantir a permanência dos profissionais de apoio ao longo de todo o ano letivo, assegurando assim uma educação inclusiva de qualidade, conforme ressaltado por Carminati (2022).

Ainda discutindo sobre os resultados da pesquisa de Mozetti (2022), no contexto escolar, a pesquisadora ressaltou a falta de conhecimento sobre como prevenir comportamentos que não condizem com a educação inclusiva, por parte dos professores. Esses desafios sublinham a necessidade urgente de investimentos em formação contínua e suporte adequado para garantir uma educação inclusiva e eficaz.

Ainda acerca desta categoria, outra pesquisa identificada foi a pesquisa narrativa realizada por Souza (2023) intitulada: “*Desenho universal para a aprendizagem como suporte para o ensino inclusivo: em perspectiva a acessibilidade pedagógica para os alunos com TEA*”, em que a pesquisadora buscou investigar a relevância de uma prática pedagógica que fosse pensada de maneira acessível para uma turma de alunos sem e com TEA, utilizando o desenho universal para aprendizagem (DUA). Na qual para coletar os dados, a pesquisadora utilizou a carta pedagógica e a roda de conversa com professores.

Em síntese, as pesquisas da categoria inclusão e diversidade, realizadas por Soares (2020), Mozetti (2022) e Souza (2023), abordam importantes aspectos sobre a educação inclusiva de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os desafios enfrentados por educadores. Soares (2020) conduziu uma pesquisa-ação para investigar como os professores percebem e representam alunos com TEA. Os resultados culminaram na elaboração de um Manual Orientador de Apoio Pedagógico, desenvolvido colaborativamente, que oferece estratégias para promover uma inclusão real e integrada no ambiente escolar.

Mozetti (2022) investigou a educação inclusiva em escolas públicas municipais, utilizando entrevistas semiestruturadas com professores e famílias de alunos com TEA. A pesquisa revelou a necessidade urgente de mais conhecimento sobre as especificidades do TEA e práticas pedagógicas adequadas (Mozetti, 2022). Por fim, Souza (2023) explorou a aplicação do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) como suporte para uma pedagogia acessível a alunos com e sem TEA. A pesquisa identificou barreiras significativas enfrentadas por esses estudantes, como a escassez de recursos e o desconhecimento sobre o DUA por parte dos professores. A falta de apoio e de formação específica para lidar com as demandas do TEA foi destacada como um desafio crucial para a inclusão escolar.

Formação de professores

As pesquisas agrupadas na categoria "Formação de professores" abordam a temática essencial da preparação docente para lidar com as necessidades de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em contextos educacionais diversos. Este agrupamento é justificado pela ênfase comum nas lacunas na formação inicial e continuada dos educadores, bem como na necessidade de práticas pedagógicas inclusivas eficazes.

Nesta categoria, encontramos cinco pesquisas que focam nesta temática, a primeira pesquisa identificada foi a tese de Vital (2016) intitulada: *“Transtorno do Espectro do Autismo e o atendimento educacional especializado de uma rede municipal de educação do Estado de São Paulo”*, a qual a pesquisadora buscou identificar e examinar as intervenções pedagógicas realizadas no Atendimento Pedagógico Especializado para alunos com TEA, que frequentam o Ensino Fundamental I e II na rede municipal de educação de Barueri/SP, através de uma pesquisa qualitativa. Vital (2016) utilizou três instrumentos de coleta, incluindo dois roteiros de observação e um questionário semiestruturado. E como resultado, ao analisar o perfil dos professores atuantes no AEE entre os alunos com TEA, Vital (2016) observou que, apesar de todos possuírem a formação exigida pelas diretrizes nacionais, alguns não se sentiam preparados para atender esse público. Outro ponto citado, foi que os resultados mostraram a ausência de uma prática comum de entendimento entre os professores sobre a ação pedagógica a ser desenvolvida, além de faltar uma diretriz metodológica compatível com as características específicas desses alunos.

Gentil (2023) realizou uma pesquisa quali quantitativa de natureza exploratória e descritiva, intitulada como: *“Guia de oficinas para práticas pedagógicas inclusivas na formação continuada de professores para inclusão e diversidade junto a alunos autistas da Educação Infantil em escola pública da rede municipal de Maricá/RJ”*, em que buscou elaborar um Guia de Oficinas para Práticas Pedagógicas Inclusivas na Formação Continuada de Professores, visando à inclusão e diversidade de alunos autistas na Educação Infantil em uma escola pública de Maricá/RJ. Para a realização desta pesquisa a autora aplicou questionários semiestruturados online, desenvolveu um levantamento de fontes documentais, além do diário de campo. Além disso, ofereceu dois cursos de formação continuada em nível de Extensão, com oficinas para práticas pedagógicas inclusivas voltadas para alunos autistas.

Os resultados da pesquisa evidenciou que os professores não receberam formação inicial adequada para utilizar práticas inclusivas que atendam às especificidades dos alunos autistas. Evidenciando ainda o baixo conhecimento sobre as características do espectro autista

e ressaltando a necessidade de formação continuada para melhorar a compreensão sobre o TEA, para que sejam adotadas práticas pedagógicas que garantam a permanência e o desenvolvimento dos alunos por meio da intervenção precoce. Concluiu-se que as oficinas de formação continuada contribuíram para o desenvolvimento profissional dos docentes, melhorando suas práticas pedagógicas diárias (Gentil, 2023).

Outra pesquisa identificada nesta categoria, foi a dissertação de Carminati (2022) intitulada como “*A inclusão de alunos com Transtornos do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil: Formação de professores, políticas públicas e práticas pedagógicas*”, a qual a autora desenvolveu uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, e o objeto de estudo, era apresentar a percepção dos professores de Educação Infantil sobre sua formação inicial e continuada para a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para a coleta de dados, Carminati (2022) utilizou como instrumentos entrevistas individuais semiestruturadas, com quinze questões norteadoras e os participantes foram vinte professores que trabalharam com alunos com TEA em 2019 de cinco instituições de Foz do Iguaçu.

Os resultados obtidos indicaram que a formação de professores é essencial para práticas pedagógicas inclusivas eficazes, uma vez que as crianças aprendem e se desenvolvem com base na qualidade das mediações que recebem. Entretanto, outros fatores, como a preparação do ambiente escolar, suporte e recursos necessários para professores e alunos, também são cruciais (Carminati, 2022).

E para finalizar esta categoria, foi identificada a dissertação de Frade (2018) intitulada como: “*Formação do professor para a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista e seus efeitos na prática docente*”, sendo uma pesquisa de campo, realizada para avaliar o impacto de um programa de formação sobre práticas pedagógicas inclusivas relacionadas ao transtorno do espectro autista (TEA) para uma professora do Ensino Fundamental I, de uma escola de São Paulo. E para coletar os dados, a autora desenvolveu um questionário, uma entrevista semiestruturada, realizou observações acerca da prática da professora.

E como resultados, Frade (2018) concluiu que embora a professora inicialmente apresentasse lacunas no conhecimento sobre inclusão escolar para alunos com TEA, o programa de formação teve um impacto positivo significativo em sua prática pedagógica. Ao aprofundar seu entendimento das condições clínicas do transtorno e das estratégias comportamentais, a docente pôde compreender melhor seu aluno e aplicar a teoria aprendida no programa de maneira prática. Os resultados evidenciam ainda que programas de formação

podem transformar a abordagem dos professores em relação ao TEA, desde que haja disposição para revisar e adquirir conhecimentos sobre as características específicas do transtorno e suas implicações na educação do aluno (Frade, 2018).

A pesquisa de Vital (2016) revela que, apesar de os professores possuírem a formação exigida, muitos não se sentem preparados para atender adequadamente os alunos com TEA, evidenciando uma falta de alinhamento metodológico e diretrizes claras. Essa necessidade de uma formação mais robusta é corroborada por Gentil (2023), que, ao desenvolver um guia de oficinas para a formação continuada de professores, destaca a importância de melhorar o conhecimento sobre o TEA e adotar práticas inclusivas.

Carminati (2022) complementa essa discussão ao investigar as percepções dos educadores sobre sua formação para inclusão, ressaltando que a qualidade das mediações pedagógicas é fundamental para o desenvolvimento das crianças com TEA. Frade (2018) também contribui para essa categoria ao demonstrar que um programa de formação pode ter um impacto significativo na prática docente, melhorando a compreensão dos educadores sobre as condições do transtorno e suas implicações na educação. Assim, as pesquisas selecionadas nessa categoria convergem para um ponto central: a formação dos professores é crucial para a implementação de práticas pedagógicas inclusivas que garantam o desenvolvimento e a permanência de alunos com TEA nas escolas. O fortalecimento dessa formação é, portanto, uma necessidade urgente e um fator determinante para a eficácia da inclusão escolar.

4 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS COM TEA

Nesta seção, abordaremos sobre as práticas pedagógicas sobre a educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O objetivo é investigar práticas pedagógicas para crianças com TEA por meio de revisão da literatura e que foram percebidas em algumas pesquisas que já foram apresentadas na seção anterior. Especificamente, analisaremos as principais dificuldades de aprendizagem associadas ao TEA, identificaremos práticas pedagógicas através de uma revisão da literatura e avaliaremos o impacto de diferentes abordagens pedagógicas no desempenho escolar dessas crianças. Com isso, buscamos fornecer uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados por alunos com TEA e das estratégias pedagógicas que podem melhorar sua experiência educacional.

4.1 Dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelas crianças com TEA no ambiente escolar:

A pesquisa de Klem (2020) apresentou algumas crianças autistas. A primeira criança foi um aluno entre a faixa dos 5 a 6 anos de idade, que estava no 1º ano do Ensino Fundamental, e a pesquisadora descreveu os comportamentos do aluno da seguinte maneira: “Durante o período de agitação e irritabilidade puxava o cabelo dos amiguinhos, os empurrava, jogava ao chão os objetos pessoais das outras crianças e batia neles” (Klem, 2020, p. 43). Além disso, foram apresentados outros pontos importantes para a compreensão do caso.

A pesquisadora ressaltou que através de observações, pode constatar que o material do aluno com TEA era o mesmo do restante da turma, porém sem o devido aproveitamento. Não havia adaptações. Pelo contrário, era exigido dele um comportamento igual aos dos outros alunos. Havia grande resistência por parte dele para realizar as atividades. Eram constantes as reclamações que chegavam da coordenação sobre o seu comportamento “inadequado”. Ele demonstrava irritabilidade com certa frequência. A professora e sua auxiliar não sabiam como lidar com aquela situação, pois não possuíam conhecimento de como lidar com a criança (Klem, 2020).

Segundo Klem (2020), diante desta situação, a mãe colocou o aluno de volta em uma turma do Pré-II referente à Educação Infantil, uma vez que o mesmo, não apresentou uma adaptação bem sucedida ao processo de alfabetização, visto que a escola tinha o método de alfabetização tradicional. Essa decisão reflete a busca por um ambiente educacional mais

adequado às necessidades de desenvolvimento e aprendizagem da criança autista, visando proporcionar um ambiente mais inclusivo e favorável ao seu crescimento.

A situação descrita acima é bem comum no ambiente escolar, acerca disso, em uma experiência vivenciada na última fase do estágio supervisionado, em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, em que estudavam 24 alunos, sendo dois deles autistas, pudemos observar como eram tratados os alunos com TEA. Observamos que estes alunos possuíam o apoio pedagógico para acompanhá-los, contudo estes auxiliares ficavam o tempo todo ao lado deles, mas não faziam nenhuma intervenção. Já a professora, passava as atividades para a turma sobre o conteúdo explicado em aula e para as crianças com TEA, apenas imprimia um desenho e solicitava que eles pintassem.

Essas duas crianças estavam bastante agitadas, corriam pela sala de aula no momento em que a professora estava explicando as atividades, ou então iam para o corredor e ficavam gritando ou se batendo pelo chão. Dessa forma, podemos compreender que esta é uma situação que ocorre em algumas escolas, onde a presença de alunos autistas não é acompanhada de estratégias pedagógicas realmente inclusivas.

O relato destaca um problema significativo: a falta de intervenção efetiva por parte dos auxiliares pedagógicos e a abordagem limitada da professora, que se resume a oferecer atividades isoladas para os alunos com TEA, sem adaptar o conteúdo curricular às suas necessidades específicas. Contudo, Barbosa *et al.* (2013, p. 19784) discutem que: “O papel do professor nessa perspectiva é tornar possível a socialização da criança com autismo na sala de aula e adequar a sua metodologia para atender as necessidades destes”. Ou seja, é importante que sejam realizadas atividades que proporcionem a socialização e participação de todos os alunos, sendo realizadas práticas pedagógicas que atendam as necessidades desses alunos.

Os dois alunos que serão apresentados a seguir, a Klem (2020) conheceu ao trabalhar como professor de apoio especializado, estes alunos possuem autismo leve e moderado e estudavam em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, sendo um aluno e uma aluna. O menino possuía 13 anos, era verbal¹ e alfabetizado. Suas tarefas eram adaptadas para acompanhar o nível da turma. Na sala de aula, a pesquisadora observou que ele às vezes repetia falas de desenhos animados e escrevia em letra bastão maiúscula. No final das aulas, ele se mostrava cansado e impaciente. Para diversificar, duas vezes por semana, era realizada atividades na biblioteca com jogos educativos como quebra-cabeça e caça-palavras. Ele tinha

¹ Passos e Kishimoto (2022), enfatizam que pode haver uma ausência total ou parcial da fala. Isso sugere que alguns indivíduos autistas podem não se comunicar verbalmente, enquanto outros podem ter dificuldades em usar a fala de maneira funcional.

interesse por animais e personagens de desenhos animados, mas não gostava de dias chuvosos (Klem, 2020).

Já a menina apresentada na pesquisa de Klem (2020), também possuía o diagnóstico do TEA, esta aluna tinha 10 anos e era não verbal, esta aluna tinha muita dificuldade em desenvolver a linguagem, tanto em termos de pensamento quanto de comunicação, e respondia lentamente quando questionada por alguém. Ela era vista como uma copista, pois conseguia copiar as atividades do quadro, mas de maneira muito mais lenta que o restante da turma. No entanto, não conseguia ler o que escrevia. Ela estava no processo de alfabetização, ou seja, na fase de decodificação das letras e dos sons.

4.2 Práticas educativas para alunos com TEA identificadas nas pesquisas:

A educação de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) requer abordagens específicas que atendam às suas necessidades únicas, promovendo um ambiente inclusivo e eficaz para o aprendizado. Essas práticas educativas devem ser baseadas em princípios de individualização, estruturação e suporte, reconhecendo a diversidade das manifestações do TEA e as necessidades específicas de cada aluno. Adaptar o currículo para atender às necessidades dos alunos com TEA é fundamental, podendo envolver a modificação de atividades, a utilização de recursos visuais e a criação de materiais que facilitem a compreensão e a retenção da informação. O documento *Projeto Escola Viva* (2000), apresenta as Adaptações Curriculares de Pequeno Porte (Adaptações Não Significativas), e que define essas adaptações da seguinte maneira:

São modificações promovidas no currículo, pelo professor, de forma a permitir e promover a participação produtiva dos alunos que apresentam necessidades especiais no processo de ensino e aprendizagem, na escola regular, juntamente com seus parceiros coetâneos (Projeto Escola Viva, 2000, p. 8).

O principal foco é permitir que esses alunos possam aprender e interagir de maneira significativa com seus colegas na escola regular, sem alterar os objetivos centrais do currículo. Ao se referir às adaptações de pequeno porte, o Projeto Escola Viva (2000) reconhece que, muitas vezes, são necessárias pequenas mudanças nas metodologias, recursos ou estratégias de ensino para atender às demandas individuais dos alunos, sem comprometer a essência do conteúdo que está sendo ensinado. Esse tipo de adaptação pode incluir ajustes na apresentação dos conteúdos, no tempo oferecido para a realização de atividades, na forma de avaliação, ou na utilização de materiais didáticos diferenciados.

A flexibilidade é crucial para ajustar as atividades de acordo com o ritmo e o estilo de aprendizagem de cada aluno. Um ambiente estruturado e previsível é benéfico para alunos com TEA. Isso inclui a organização física da sala de aula, o uso de rotinas diárias claras e a implementação de horários visuais, elementos que ajudam a reduzir a ansiedade e a promover um senso de segurança, permitindo que os alunos se concentrem melhor nas atividades de aprendizado.

Adentrando as pesquisas, no estudo de Klem (2020), a pesquisadora apresentou como era a prática da professora,

[...] o material utilizado era o mesmo para toda a turma. As atividades eram as mesmas, sem estímulo algum no que tange a percepção visual, o desenvolvimento da coordenação motora entre outras estratégias. [...] Portanto, era notório que a postura da professora para interagir com os seus alunos o distanciava cada vez mais das suas reais necessidades. Era uma postura da qual se pode denominar menos afetiva, pois se julgava importante romper com os métodos utilizados pela professora do ciclo anterior como o falar de modo mais atencioso, atividades com recursos manuais, momentos em sala de aula para interagir com seus pares através dos jogos educativos (p. 44).

Ou seja, com esse destaque de Klem (2020), podemos ver que o uso do mesmo material para toda a turma, sem adaptações, falhou em estimular a percepção visual, o desenvolvimento da coordenação motora e outras habilidades necessárias para o aluno. Como resultado, o aluno se recusava a realizar as atividades, pois não despertavam seu interesse nem atenção, faltando o elemento motivador crucial para o seu engajamento. Além disso, a postura da professora ao interagir com os alunos foi inadequada para atender às necessidades reais do aluno.

Na pesquisa de Carminati (2022, p. 84), na qual ela teve a participação de 20 professores para coletar dados, ao final pôde constatar que: “[...] grande parte dos participantes não possuía conhecimento ou sabia pouco acerca desse transtorno”. Esta afirmação de Carminati (2022) destaca uma preocupação significativa na área da educação inclusiva, revelando que a maioria dos 20 professores participantes de sua pesquisa tinham pouco ou nenhum conhecimento sobre o TEA.

Essa falta de familiaridade com o TEA é preocupante, pois impede a adoção de práticas pedagógicas adequadas e inclusivas para esses alunos. Professores mal informados ou despreparados têm dificuldades em criar ambientes de aprendizagem que atendam às necessidades específicas dos alunos com TEA, o que pode resultar em experiências educacionais inadequadas para esses estudantes. A constatação de Carminati (2022), reforça a necessidade urgente de formação continuada e específica para professores, visando

capacitá-los para lidar de maneira eficiente com a diversidade e as particularidades dos alunos com TEA, promovendo uma educação verdadeiramente inclusiva e de qualidade.

Em relação a prática docente, Carminati (2022) enfatiza que:

Trabalhar com crianças de um modo geral é desafiador. O professor precisa conhecer seus alunos, buscando uma metodologia que auxilie na realização das atividades que irá propor, os materiais necessários para que contemple todos os discentes e, na situação de um aluno com Transtorno do Espectro Autista em sala de aula, precisa, ainda, estar atento à rotina realizada no ambiente escolar (p. 105).

Ao trazer este destaque Carminati (2022) ressalta a complexidade e os desafios da prática docente, especialmente quando se trabalha com crianças. Ela ressalta a importância de que o professor conheça bem seus alunos para desenvolver metodologias eficazes e adaptadas às suas necessidades. Isso envolve não apenas a escolha cuidadosa das atividades e dos materiais, mas também a criação de um ambiente inclusivo que atenda a todos os discentes. No caso específico de alunos com Transtorno do Espectro Autista, a atenção à rotina escolar torna-se ainda mais relevante. Visto que estabelecer uma rotina estruturada e consistente pode ajudar a reduzir a ansiedade e melhorar o engajamento desses alunos, promovendo um ambiente de aprendizagem mais eficaz e acolhedor.

Adiante, Carminati (2022, p. 108) pontua algo importante sobre a inclusão escolar, ao citar que: “A inclusão escolar não é um compromisso somente do professor, mas da gestão escolar, em conjunto com o docente e demais funcionários, a fim de formular alternativas para que o aluno com TEA permaneça na escola e se desenvolva”. Esta afirmação de Carminati (2022) destaca um ponto crucial sobre a inclusão escolar, afirmando que ela não é responsabilidade exclusiva do professor.

A inclusão bem-sucedida requer um ambiente escolar acolhedor e adaptado às necessidades de cada aluno, algo que só pode ser alcançado através da cooperação entre todos os membros da comunidade escolar. A gestão escolar tem um papel vital em fornecer os recursos e a formação necessários para os professores, enquanto os funcionários de apoio também devem estar preparados para auxiliar os alunos em suas diversas necessidades.

Ao trabalhar juntos, a gestão, os docentes e os funcionários podem criar estratégias inclusivas que vão desde adaptações curriculares até intervenções comportamentais, garantindo que os alunos com TEA recebam a atenção e o suporte necessários para seu desenvolvimento acadêmico e social. Portanto, a inclusão escolar eficaz depende de um esforço coletivo e coordenado, refletindo o compromisso de toda a comunidade escolar com a diversidade e a igualdade.

A pesquisa de Frade (2018) apresentou uma situação observada em sala de aula, que merece ser discutida nesta subseção, na situação abaixo, Marisa é a professora da turma e recebeu este nome fictício, já o João (nome fictício do aluno) é aluno autista de 10 anos de idade, que na época estudava no 5º ano do Ensino Fundamental.

Marisa foi à lousa e colocou algumas expressões. Pediu para que os alunos resolvessem passo a passo com ela. João não fez o que foi solicitado e começou a gritar a resposta errada da expressão. A professora pediu para ele esperar, porque fazendo sozinho iria continuar falando o resultado errado. A dupla de João ficou próxima à mesa da professora. Em nenhum momento, ela dirigiu a fala ou olhar para ele. O aluno estava interagindo com a dupla, sem contato visual, fazendo questionamentos sobre a tarefa. O colega parecia não prestar muita atenção ao que ele dizia, porque queria fazer a tarefa sem ele (p. 57).

A situação descrita na pesquisa de Frade (2018) ilustra alguns desafios comuns na inclusão de alunos com necessidades específicas em sala de aula. Marisa, a professora, tentou conduzir uma atividade na lousa, solicitando que os alunos resolvessem as expressões passo a passo com ela. O aluno João, não seguiu a instrução e começou a gritar a resposta errada, ao que a professora respondeu pedindo que ele esperasse, pois continuaria errando ao fazer sozinho. Esta situação destaca a dificuldade de João em seguir instruções e a possível impulsividade em sua participação.

A dupla de João estava próxima à mesa da professora, mas em nenhum momento ela dirigiu a fala ou o olhar para ele, o que sugere uma falta de interação direta que poderia ajudar a manter João engajado e apoiado. O fato de João interagir com sua dupla sem contato visual e fazer questionamentos sobre a tarefa, enquanto o colega parecia ignorá-lo para fazer a tarefa sozinho, revela um problema de integração e comunicação entre os alunos.

Além disso, essa situação demonstra a necessidade de estratégias pedagógicas mais inclusivas e personalizadas. Daí surge a importância de uma formação especializada, visto que conforme Nunes (2023),

[...] a formação especializada é importante para garantir um acompanhamento efetivo da criança autista, que pode apresentar dificuldades em áreas como a comunicação, a interação social e o comportamento. Com conhecimentos específicos, os profissionais podem desenvolver estratégias personalizadas para atender às necessidades de cada criança, Favorecendo seu desenvolvimento e sua participação ativa na escola (p. 76).

Este destaque de Nunes (2023) ressalta a importância da formação especializada no contexto do acompanhamento de crianças autistas, enfatizando a necessidade de profissionais capacitados para lidar com as complexidades que envolvem esse grupo específico. Segundo Nunes, tais crianças frequentemente enfrentam dificuldades significativas em áreas cruciais como comunicação, interação social e comportamento, o que demanda abordagens

personalizadas e adaptativas para promover seu desenvolvimento integral e participação efetiva na escola.

A formação especializada mencionada por Nunes (2023) se revela crucial não apenas para compreender as necessidades individuais das crianças autistas, mas também para implementar estratégias educacionais e terapêuticas que sejam eficazes e adequadas a cada caso. Profissionais bem treinados têm a capacidade de identificar as especificidades de cada criança autista, adaptando métodos de ensino, intervenções comportamentais e suportes necessários para maximizar seu potencial de aprendizado e interação social. Esse enfoque não apenas favorece o desenvolvimento cognitivo e social das crianças, mas também fortalece sua autoestima e capacidade de participação ativa na vida escolar e na comunidade.

Portanto, a citação de Nunes (2023) ressalta não apenas a importância da competência técnica dos profissionais, mas também a necessidade de uma abordagem empática e centrada na criança, que reconheça suas particularidades e valorize suas potencialidades no processo educacional inclusivo. Esse entendimento profundo e sensível das necessidades das crianças autistas é fundamental para construir ambientes educacionais que promovam a igualdade de oportunidades e o pleno desenvolvimento de todos os alunos.

A professora poderia utilizar métodos que promovessem a participação ativa de João de maneira mais estruturada, talvez dividindo as tarefas em etapas menores e realizando comentários positivos imediatamente. Outrossim, o treinamento dos colegas para interagir de maneira mais inclusiva poderia melhorar a dinâmica de grupo.

Mais a frente, Frade (2018) discute sobre as informações e destaca que:

Durante as aulas observadas, nota-se que entre Marisa e João ainda há um certo distanciamento, por mais que a professora tenha comentado na entrevista e informalmente que promove estratégias para aproximá-lo dela. O que fica evidente nas observações é que, se o aluno está quieto, sem atrapalhar o andamento de sua aula, ela não promove ações para aproximá-lo, estreitar relação com a criança (p. 61).

Para melhorar essa situação, a professora poderia implementar estratégias de interação contínua e personalizada, mesmo quando João não está causando interrupções. Isso poderia incluir feedback positivo, atividades colaborativas e oportunidades para o aluno João se expressar e participar ativamente. A criação de um ambiente onde todos os alunos, independentemente de seu comportamento, recebem atenção e apoio contínuo é fundamental para uma verdadeira inclusão. Além disso, o distanciamento observado pode refletir a necessidade de maior formação e apoio para a professora, visando o desenvolvimento de habilidades e estratégias específicas para lidar de forma eficaz e inclusiva com alunos com TEA.

Outra situação abordada por Frade (2018) foi que

Outro ponto a ser discutido está centrado em relação às propostas e atividades pedagógicas para o João, não foram observadas adaptações nas atividades para ele. Apesar de não ter comorbidade com deficiência intelectual, as consignas das atividades eram longas, o que prejudicava o seu tempo dedicado à tarefa e, conseqüentemente, seu entendimento (p. 62).

A ausência de adaptações adequadas pode impactar significativamente a participação e o aprendizado de João. Atividades com instruções longas podem sobrecarregar sua capacidade de processamento de informações e prejudicar sua autonomia na realização das tarefas. Essas práticas causam dificuldades aos estudantes com TEA, pois podem levar a frustrações e dificuldades em acompanhar o ritmo da turma, afetando negativamente sua autoconfiança e motivação acadêmica.

Para promover a inclusão eficaz de alunos como João, é essencial que as atividades sejam adaptadas de acordo com suas necessidades individuais. Isso pode incluir simplificação das instruções, uso de suportes visuais, divisão das tarefas em passos menores e oferecimento de tempo extra, se necessário. Tais adaptações não apenas facilitam a compreensão e a execução das atividades, mas também permitem que João participe mais plenamente das aulas e desenvolva suas habilidades de forma mais eficaz.

Já a pesquisa de Cardozo (2021) apresentou o receio dos professores ao descobrirem que teriam alunos com TEA em suas salas, a seguir vejamos um trecho desta pesquisa:

O aumento do número de matrículas de alunos com TEA causa diversas manifestações por parte dos professores, incluindo a fala de que se sentem “assustados”, representado a partir da fala da professora (P7) e da professora (P5). É possível perceber que os professores utilizam a palavra desconforto, ao serem comunicados que nas turmas teriam alunos com TEA. Cabe destacar que os receios ocorrem antes de conhecer o aluno, pois diante da imprevisibilidade dos “comportamentos” apresentados pelos alunos com TEA, se colocam num papel de não estarem preparados (p. 68).

A falta de preparo percebida pelos professores reflete a preocupação com a habilidade de lidar com as necessidades específicas desses alunos, o que pode incluir desafios de comportamento, comunicação e aprendizado. É essencial abordar esses receios através de formação contínua e suporte adequado para os professores, a fim de capacitá-los a criar ambientes inclusivos e eficazes para todos os alunos. Quando os educadores estão melhor informados e preparados, podem desenvolver estratégias pedagógicas que atendam às necessidades individuais dos alunos com TEA, promovendo uma experiência educacional mais positiva e inclusiva para todos na sala de aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelas crianças com TEA no ambiente escolar. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. E utilizamos como metodologia, o estado de conhecimento, na qual realizamos levantamento bibliográfico no catálogo da CAPES, e encontramos 18 pesquisas.

No momento da análise das pesquisas sobre práticas pedagógicas inclusivas para alunos com TEA, foi identificada uma significativa quantidade de estudos relevantes, contudo, a pesquisa de Miranda (2001), não possuía o foco principal desta investigação, foi excluída para garantir a consistência e relevância dos dados. Às 17 pesquisas restantes foram agrupadas em três categorias temáticas principais: práticas pedagógicas e intervenções educacionais, inclusão e diversidade, e formação de professores. Observamos que a maior parte das pesquisas identificadas são dissertações, com uma única tese destacada, sendo o ano de 2023 o que mais apresentou publicações. Além disso, é válido destacar que não foram encontradas produções entre o período de 2001 até 2014.

Ao examinar os estudos, observou-se que os trabalhos sobre práticas pedagógicas e intervenções educacionais destacam a falta de formação específica e de recursos adequados para a inclusão eficaz de alunos com TEA. Pesquisas como as de Eugênio (2023), Costa (2015) e Cardozo (2021) evidenciam tanto os desafios enfrentados pelos educadores quanto às necessidades de formação e suporte. Nas pesquisas encontradas, foi constatada a ausência de conhecimento aprofundado sobre o TEA por parte dos docentes. Para promover uma compreensão adequada sobre o transtorno, torna-se necessária a oferta de formações específicas para os professores.

Na categoria de inclusão e diversidade, os estudos revelam a importância de conhecer e adaptar as práticas pedagógicas para promover uma verdadeira inclusão. As pesquisas de Soares (2020), Mozetti (2022) e Souza (2023) sublinham a necessidade de formação contínua e de um suporte mais consistente para lidar com a diversidade e garantir uma inclusão real e eficaz. Por fim, as pesquisas sobre formação de professores destacam a necessidade urgente de programas de formação inicial e continuada. Estudos como os de Vital (2016), Gentil (2023) e Carminati (2022) mostram que, apesar dos avanços, ainda há uma lacuna significativa na formação dos educadores para atender às necessidades específicas dos alunos com TEA. Cada uma dessas pesquisas contribui para um entendimento mais profundo e abrangente sobre as práticas pedagógicas inclusivas e as áreas que necessitam de melhorias.

Ademais, com base nas análises das pesquisas sobre a educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é possível destacar diversos desafios enfrentados e estratégias pedagógicas que emergem desses estudos. Primeiramente, as dificuldades de aprendizagem enfrentadas por crianças com TEA no ambiente escolar são multifacetadas. Observa-se que a falta de adaptações adequadas nas atividades pode comprometer significativamente o engajamento e o desempenho desses alunos. Por exemplo, a pesquisa de Klem (2020) revelou que crianças com TEA muitas vezes são expostas ao mesmo material e às mesmas exigências que os colegas sem adaptações, o que pode resultar em frustração e comportamentos inadequados.

Por outro lado, as práticas educativas incluem a personalização do ensino e a criação de um ambiente inclusivo. Carminati (2022) enfatizou a importância de uma formação contínua para os professores, permitindo-lhes desenvolver metodologias adaptadas às necessidades específicas dos alunos com TEA. Isso não só melhora o ambiente de aprendizagem, mas também promove uma educação mais equitativa e enriquecedora para todos os estudantes.

Além disso, as pesquisas de Frade (2018) e Cardozo (2021) destacam o receio e a falta de preparo dos professores ao lidar com alunos com TEA. A necessidade urgente de capacitação e suporte contínuo é evidente, pois isso não apenas ajuda os educadores a lidar melhor com comportamentos imprevisíveis, mas também fortalece sua capacidade de promover uma inclusão efetiva.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. DSM. 3 ed. Washington D/C, 1980.

ASPERGER, H. Die 'autistische Psychopathologie' im Kindersalter. Auch für Psychiatrie und Nervenkrankheiten, v. 117, p.: 76-136, 1944

BARBERINI, K. Y. **A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas**. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, v. 16, n. 1, 2018. Disponível em:
<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11291>. Acesso em: 13 fev. 2024.

BARBOSA, A.M; ZACARIAS, J.C; MEDEIROS, K.N; NOGUEIRA, R.K.S. O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo. **XI congresso nacional de educação EDUCERE**. Pontifícia universidade católica do Paraná. Curitiba, 2013. Disponível em:
<https://docplayer.com.br/1589724-O-papel-do-professor-frente-a-inclusao-de-criancas-com-a-utismo.html>. Acesso em: 25 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007. Brasília: Ministério da Educação, janeiro de 2008. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 11 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Projeto Escola Viva: garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - alunos com necessidades educacionais especiais**. Brasília: MEC, SEESP, 2000.

BREGUE, Sthefany Borges. **Avaliação da aprendizagem e a inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista (TEA): as percepções, a prática pedagógica e as barreiras encontradas pelos professores de Ciências**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023. Disponível em:
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13939039. Acesso em: 12 jun. 2024.

BLEULER, E. Demencia Precoz. El Grupo de Las Esquizofrenias. Buenos Aires: Ediciones Horme - Editorial Paidós, 1960.

CARDOZO, Paloma Rodrigues. **A inclusão de alunos com TEA no Ensino Fundamental: uma análise a partir da prática pedagógica na perspectiva do afeto.** 2021. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós - Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10385308. Acesso em: 15 jun. 2024.

CARMINATI, Rosângela Teles Soares. **A inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) na educação infantil: formação de professores, políticas públicas e práticas pedagógicas.** 2022. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu - PR. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12057711. Acesso em: 12 jun. 2024.

COSTA, Aguida Luiza Dias da. **Transtorno do espectro autista: a linguagem como instrumento de inclusão social e educacional.** 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Nacional, 2023. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/6198>. Acesso em: 12 jun. 2024.

COSTA, Fernanda Aparecida de Souza Corrêa. **Práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil: atividades lúdicas envolvendo crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).** 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências, Bauru, 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2868176. Acesso em: 12 jun. 2024.

COSTA, Joice Vareiro da. **Práticas pedagógicas no ensino de Geografia para estudantes com Transtornos do Espectro Autista (TEA): Uma análise sobre as escolas de tempo integral em Campo Grande - MS.** 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14488093. Acesso em: 09 jun. 2023.

DALCERO, Mariana. **Conhecimentos e práticas pedagógicas de professoras de centros de Educação Infantil em relação a crianças com Transtorno do Espectro Autista.** 2023. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Petrópolis - UCP, Petrópolis, 2023. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13740959. Acesso em: 12 jun. 2024.

DALMAZO, Rosicleia; IACONO, Jane Peruzo; ROSSETTO, Elisabeth. O autismo como deficiência e sua categorização como TEA: perspectivas educacionais e desafios. **Nova Revista Amazônica**, v. 10, n. 2, p. 07-22, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/13515>. Acesso em: 03 jul. 2024.

EUGENIO, Emanuelle Lopes. **Docentes e inclusão escolar: desafios em realizar práticas pedagógicas e intervenções com as pessoas com TEA.** 2023. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação:

Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FRADE, Paula Nascimento. **Formação do professor para inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista e seus efeitos na prática docente**. 2018. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/22751>. Acesso em: 12 maio. 2024.

GENTIL, Glauce de Souza Costa. **Guia de oficinas para práticas pedagógicas inclusivas na formação continuada de professores para inclusão e diversidade junto a alunos autistas da educação infantil em escola pública da rede municipal de Maricá/RJ**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13746950. Acesso em: 18 jul. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 6 ed., 2008.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. *Ney Child*, v. 2, p. 217, 1943.

KLEM, Carla Delise Alves Paranhos. **Atuação do Mediador Escolar com crianças autistas no contexto educativo: construindo um E-Book com orientações sobre práticas pedagógicas inclusivas para crianças com TEA**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10164875. Acesso em: 13 jun. 2024.

LOBATO, Dnavia Miranda Neves. **Desafios para as práticas pedagógicas de professores para a inclusão no ensino regular de alunos com transtorno do espectro do autismo (TEA)**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, 2020. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11087742. Acesso em: 13 de jun. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, M. C. S et al. (Org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOZETTI, Fernanda Cristina de Souza. **A Educação Inclusiva para crianças com transtorno do espectro autista (TEA) em escolas públicas municipais**. 2022. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós - Graduação em Serviço Social, Universidade Estadual Paulista– UNESP, Franca - SP, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/be008c7c-7500-4a38-b224-b8a17e383afa/content>. Acesso em 23 maio. 2024.

MIRANDA, Nadja Magalhães. **Jornalistas em cena artistas em pauta: Análise da cobertura jornalística dos espetáculos teatrais baianos realizados pelos Jornais a tarde e correio da Bahia na década de 90**. 2001. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas),

Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/9669>. Acesso em: 08 maio, 2024.

NASCIMENTO, João Pedro Oliveira do. **O uso de jogos durante o atendimento educacional especializado em estudantes com transtorno do espectro autista (TEA): contribuições à prática pedagógica no ensino da matemática**. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências e Matemática, 2022. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13622092. Acesso em: 23 maio. 2024.

NUNES, Maria Aparecida Armandilha. A importância da formação especializada para o acompanhamento de crianças com TEA. **Revista Primeira Evolução**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 40, p. 75–80, 2023. Disponível em: <https://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/423>. Acesso em: 3 jul. 2024.

NUNES, Débora Regina de Paula; AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico de; SCHMIDT, Carlo. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, vol. 26, núm. 47, septiembrediciembre, 2013, pp. 557-572 Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313128786005> Acesso em: 16 jul. 2023.

PAPIM, Angelo Antonio Puzipe. **Autismo e aprendizagem: os desafios da Educação Especial**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

PASSOS, Beatriz Carneiro; KISHIMOTO, Mariana Sayuri Cabral. O impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na família e relações familiares / O impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na família e nas relações familiares. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, v. 1, pág. 5827–5832, 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n1-394. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/43094>. Acesso em: 29 set. 2024.

RIBEIRO, Natasha Coutinho Revoredo; MARTELETO, Regina Maria. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais enquanto um dispositivo info-comunicacional. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 28, p. 1–16, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/90801>. Acesso em: 22 jun. 2024.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo Estado da Arte em educação. **Revista diálogo educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981. Acesso em: 10 jul. 2024.

SILVA, Ana Maria da Conceição. **O processo de aprendizagem do(a) aluno(a) com transtorno do espectro do autismo (TEA)**. 2022. 151 f. Tese (Doutorado em Educação), Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4870#preview-link0>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SANTOS, Josely Alves dos. **Ensino de Matemática e Transtorno do Espectro Autista – TEA: possibilidades para a prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.124>. Acesso em: 12 jun. 2024.

KOHL-SANTOS, Pricila; MOROSINI, Marília Costa. O revisitar da metodologia do estado do conhecimento para além de uma revisão bibliográfica. **Revista Panorâmica online**, v. 33, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1318>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SANTOS, Regina Kelly dos; VIEIRA, Antônia Maira Emelly Cabral da Silva. Transtorno do espectro autista (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. **Revista Includere**, v. 3, n. 1 (2017): Universidade em Movimento: Educação, Diversidade e Práticas Inclusivas. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/includere/article/view/7413>. Acesso em: 09 fev. 2024.

SOARES, Josicleide Jesus de Souza. **Alunos com transtorno do espectro autista: buscando um novo olhar**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10177701. Acesso em: 11 jun. 2024.

SOUSA, Cristiane Nunes de Oliveira. **Desenho Universal para aprendizagem como suporte para o ensino inclusivo: Em perspectiva a acessibilidade pedagógica para os alunos com TEA**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Docência e Gestão Educacional) - Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2023. Disponível em: <https://www.uscs.edu.br/pos-stricto-sensu/ppge/mestrado-profissional-em-educacao>. Acesso em: 23 maio. 2024.

STRAVOGIANNIS, Andrea Lorena. **Autismo: um mundo singular**. Literare Books, 2022.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual do autismo**. 1.ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.

TEODORO, Grazielle Cristina; GODINHO, Maíra Cássia Santos ; HACHIMINE, Aparecida Helena Ferreira. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. **Research, Society and Development**, vol. 1, núm. 2, 2016.648/rsd-v1i2.10. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560658991003/560658991003.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2024.

VITAL, Andréa Aparecida Francisco. **Transtorno do espectro do autismo e o atendimento educacional especializado de uma rede municipal de educação do Estado de São Paulo**. 2016. Tese (Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/24540>. Acesso em: 12 jul. 2024.

Apêndice A - Lista das pesquisas identificadas por categorias.

| CATEGORIA 1: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E INTERVENÇÕES |
|--|
| <p>EUGENIO, Emanuelle Lopes. Docentes e inclusão escolar: desafios em realizar práticas pedagógicas e intervenções com as pessoas com TEA. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public. Acesso em: 15 jun. 2024.</p> |
| <p>COSTA, Fernanda Aparecida de Souza Corrêa. Práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil: atividades lúdicas envolvendo crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho . Faculdade de Ciências, Bauru, 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2868176. Acesso em: 12 jun. 2024.</p> |
| <p>CARDOZO, Paloma Rodrigues. A inclusão de alunos com TEA no Ensino Fundamental: uma análise a partir da prática pedagógica na perspectiva do afeto. 2021. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós - Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10385308. Acesso em: 15 jun. 2024.</p> |
| <p>DALCERO, Mariana. Conhecimentos e práticas pedagógicas de professoras de centros de Educação Infantil em relação a crianças com Transtorno do Espectro Autista. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Petrópolis - UCP, Petrópolis, 2023. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13740959. Acesso em: 12 jun. 2024.</p> |
| <p>SANTOS, Josely Alves dos. Ensino de Matemática e Transtorno do Espectro Autista – TEA: possibilidades para a prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.124. Acesso em: 12 jun. 2024.</p> |
| <p>LOBATO, Dnavia Miranda Neves. Desafios para as práticas pedagógicas de professores para a inclusão no ensino regular de alunos com transtorno do espectro do autismo (TEA). 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, 2020. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11087742. Acesso em: 13 de jun. 2024.</p> |

BREGUE, Sthefany Borges. **Avaliação da aprendizagem e a inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista (TEA): as percepções, a prática pedagógica e as barreiras encontradas pelos professores de Ciências**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023. Disponível em:
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13939039. Acesso em: 12 jun. 2024.

COSTA, Joice Vareiro da. **Práticas pedagógicas no ensino de Geografia para estudantes com Transtornos do Espectro Autista (TEA): Uma análise sobre as escolas de tempo integral em Campo Grande - MS**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023. Disponível em:
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14488093. Acesso em: 09 jun. 2023.

NASCIMENTO, João Pedro Oliveira do. **O uso de jogos durante o atendimento educacional especializado em estudantes com transtorno do espectro autista (TEA): contribuições à prática pedagógica no ensino da matemática**. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências e Matemática, 2022. Disponível em:
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13622092. Acesso em: 23 maio. 2024.

CATEGORIA 2: INCLUSÃO E DIVERSIDADE

SOARES, Josicleide Jesus de Souza. **Alunos com transtorno do espectro autista: buscando um novo olhar**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em:
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10177701. Acesso em: 11 jun. 2024.

MOZETTI, Fernanda Cristina de Souza. **A Educação Inclusiva para crianças com transtorno do espectro autista (TEA) em escolas públicas municipais**. 2022. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós - Graduação em Serviço Social, Universidade Estadual Paulista– UNESP, Franca - SP, 2022. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/be008c7c-7500-4a38-b224-b8a17e383afa/content>. Acesso em 23 maio. 2024.

SOUSA, Cristiane Nunes de Oliveira. **Desenho Universal para aprendizagem como suporte para o ensino inclusivo: Em perspectiva a acessibilidade pedagógica para os alunos com TEA**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Docência e Gestão Educacional) - Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2023. Disponível em:

<https://www.uscs.edu.br/pos-stricto-sensu/ppge/mestrado-profissional-em-educacao>. Acesso em: 23 maio. 2024.

CATEGORIA 3: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

VITAL, Andréa Aparecida Francisco. **Transtorno do espectro do autismo e o atendimento educacional especializado de uma rede municipal de educação do Estado de São Paulo**. 2016. Tese (Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/24540>. Acesso em: 12 jul. 2024.

GENTIL, Gláycy de Souza Costa. **Guia de oficinas para práticas pedagógicas inclusivas na formação continuada de professores para inclusão e diversidade junto a alunos autistas da educação infantil em escola pública da rede municipal de Maricá/RJ**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13746950. Acesso em: 18 jul. 2024.

CARMINATI, Rosângela Teles Soares. **A inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) na educação infantil: formação de professores, políticas públicas e práticas pedagógicas**. 2022. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu - PR. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12057711. Acesso em: 12 jun. 2024.

KLEM, Carla Delise Alves Paranhos. **Atuação do Mediador Escolar com crianças autistas no contexto educativo: construindo um E-Book com orientações sobre práticas pedagógicas inclusivas para crianças com TEA**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10164875. Acesso em: 13 jun. 2024.

FRADE, Paula Nascimento. **Formação do professor para inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista e seus efeitos na prática docente**. 2018. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/22751>. Acesso em: 12 maio. 2024.